

3 1761 07047974 6

Fialho de Almeida, Jose  
Valentim  
Os gatos

PQ

9261

F5G3

fasc.

52-56



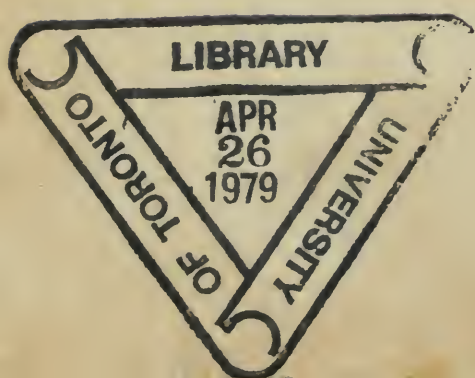


10  
9261.  
F5G3  
fasc 52-56

TI

Q1070  
200  
F.1

EDINA



FIALHO D'ALMEIDA



# OS GATOS

PUBLICAÇÃO  
D'INQUERITO Á VIDA PORTUGUEZA

N.º 52 — 24 de Fevereiro de 1893

---

## SUMMARIO

MORTE DE ROZA ARAUJO, SUA HISTORIA PRE-  
GRESSA E ORIGEM COMMERCIAL — DESENHA-SE  
O PASTEL CÓCÓ E REZA-SE DA SUA IMPORTANCIA  
HISTORICA E EFEITOS PSYCHOLOGICOS — INTER-  
FERENCIA DO PASTEL NO CARACTER LISBOETA —  
CONVIVIO LITTERARIO DE ROZA ARAUJO, E PRE-  
ÇO DAS RELAÇÕES SOBRELEVANTES Á PRIMITIVA  
    ÇÃO SOCIAL — ROZA ARAUJO HOMEM PO-  
LITICO, FIADOR E PRESTAMISTA CHRONICO DOS  
CORPELIGION DOS AMIGOS DE COMER — LISBOA  
VELHA E LISBOA NOVA — DE COMO A AVENIDA



SEJA UM CORREDOR CHEIO DE BURACOS — EXORBITANCIAS DE CUSTO E CONTRASENÇO ARCHITECTONICO D'ESTA OBRA — OS PALACIOS, OS JARDINS E OS CAZARÕES — COMO SE CRIA O ESTYLO ARCHITECTONICO — ROZA ARAUJO PHILANTROPO, SUAS GENEROSIDADES PARTICULARES, E ACÇÃO DA SUA BONDADE NA BENEFICENCIA PUBLICA — ROZA ARAUJO GRANDE HOMEM POPULAR — GRANDEZA, DECADENCIA, E MORTE DE CEZAR BIROTHEAU — A MISERIA CRESCENTE DE LISBOA E IMPOTENCIA DA CARIDADE PARA ESTA CHAGA SOCIAL — MENDIGAS TRAGICAS — AS PARALYTICAS, AS CEGAS, AS LEPROSAS — LISBOA DE NOITE — CARIDADE METICULOSA, E EGOISMOS TERRIVEIS QUE ELLE ENCOBRE — CONCLUSÃO.



*10 de fevereiro.*

Roza Araujo que uma apoplexia varreu para assim dizer ás portas da miseria, teve como homem particular e homem politico uma historia sympathica, das mais tristes: a d'um filho do povo percorrendo com uma especie de boa fé infantil, uma vereda assaltada de bandoleiros e rufiões. Seu pae cursara toda a vida a pastellaria com successo, angariando para esse filho unico a independencia d'algumas centenas de contos, juntados ao balcão, em chinellos de trança e bonnésinho de seda, n'uma quotidiana assistencia á venda das doçarias con-

feccionadas na entreloja. O pastel que fizera o segredo da sua fortuna, acabara por usurpar a alcunha de *cóco* ao bom do velho, e alastrado por Lisboa, terra de gulosos, fizera-se uma das boas coisas da terra, ganhando direitos de preferencia em todas as bandejas de sobrezeza e copos d'agua. Já pelo aspecto ia direito á benevolencia dos freguezes, com o seu feitio d'alguidarinho de barro por vidrar, o typo d'ulcera coberta de pomada, a pasta tenra, e o cheiro a canella, beato, infundindo uma volupia molle com regorgitações de saliva sob a lingua. Entre as curiosidades monumentaes da capital á beira Tejo, começou o pastel *cóco* a ter menção admirativa no manual do viajante, enfileirando entre os Jeronymos, a estatua equestre e a capella de S. Roque, e impondo-se aos philosophos como uma das mais salientes arestas do ainda mal interpretado genio lusitano. Tasquinhado na escura e modesta loja da travessa de S. Nicolau, com dois dedos de Carcavellos, á hora do lunch, não conseguia elle maiormente impor-se á cogitação pathetica dos pensadores, tanto o seu gosto



dulceroso adormecia o paladar n'um arroubo carolla e sachristiaco. Mas pouco a pouco essa dormente sensação começava a despertar na sensibilidade phenomenos gustativos singulares; a impressão do pastel comido produzia allucinações n'outros sentidos, e entrando na torrente circulatoria ia a determinar estados d'espírito, ou o que é mais — estados de character. Quem se applicar um pouco ao estudo da interferencia das comidas na vagarosa formação do ser moral, e souber da porção de pasteis com que as creanças de Lisboa se ingurgitam, não poderá negar, por mais que queira, fosse o cócô, durante os ultimos trinta ou quarenta annos, o principal regulador do character lisboeta. Ao pastel como fundo alimentar me persuado se deva attribuir o ar tímido, languinhento, sem vontade, que apanagia em Lisboa a adolescencia masculina e feminina; ao pastel a derreação dos nossos rins, a tinta deslavada da pelle, a emaciação muscular, a raridade de barba, e a falta de pigmento e crespatura dos cabellos. Quando com tal dieta o adolescente ascende a homem, dado o caso da tuber-

culose o não ter chapado antes de nubil, o ser resultante entra a desagregar de si uma lazeira automatica que o reproduz em simulacros d'acção dignos de dó: vemol-o então suprir pelo namoro a expressão passional propria da idade, sahir chumbado em francez, fugir ás responsabilidades do estudo pela cabula, e contrahir emfim alguns vicios de que o mais inoffensivo é aprender a gastar, sem produzir.

Roza Araujo filho foi talvez por esta dieta quotidiana do pastel, uma das primeiras e das mais completas victimas de seu pae. Inda sem barba, as suas predilecções foram-se desviando da cupidez da vida do balcão, tão seccamente pratica, que o velho pasteleiro embirrava em lhe incutir para o tornar n'um futuro milionario, direito a outras farofias abstractas que o haviam de tornar n'um satellite d'astros politicos e litterarios de meia tinta, em cujo convivio a sua mediocre cabeça sossobraria, pela bondade irresoluta, n'uma perpetua victima d'escamoteações pouco decentes. Ingenuo e curto, sem qualidades de lucta, e com a timidez titubiante dos ambiciosos a quem

falta uma directriz mental a lhe encorajar a linha de conducta, o rapazola ao vêr de perto o ascenso dos jornalistas e meetingueiros que a fatalidade lhe dava por convivio, quiz imital-os um pouco nos successos, de sorte que muito cedo começou a tratar mais d'eleições que de pasteis, e a espargir no angario da popularidade barata das esquinas a dessorada energia que Deus já lhe dera, manca de vontade, e que bem empregada teria servido quando muito para lhe trazer á clientella dos doces mais algumas centenas de gulosos. Para não ter o ar ridiculo n'esse cenaculo de *beaux esprits* onde as suas aspirações de homem publico ardiam por brilhar, acostumou-se a suprir com generosidades de dinheiro a lacuna das suas faculdades incultas e restrictas, e cedo a burra paterna conheceu quanto custa a um papalvo cear á meza dos deuses, e por que sangrias passa um ingenuo, primeiro que conheça a fundo a podridão moral dos intellectivos que o desfructam. Como era rico e era bom, d'essa bondade irresoluta onde entra como factor principal o medo do ridiculo, apenas

correu fama das suas primeiras larguezas, formou-se de roda d'elle uma especie de grande circulo d'assaltantes, e os correigionarios politicos iam-lhe amortisando com honrarias banaes o que particularmente lhe pediam em soccorros de libras e fianças. Datam d'aqui os seus primeiros triumphos camararios, e a popularidade meio sympathica, meio bufona, que a sua regencia do municipio lisboeta lhe creou. Foi essa a quadra das transformações fundamentaes da capital, a era dos bairros inteiros abaixo, das ruas de grande margem e arvores no asphalto, a febre do monumental repentino, sem plano, ao sabor das phantasias do pastel, que tendo transformado, é certo, para melhor a hygiene d'este grande moitão de casas fetidas, comtudo não deixou na sua restauração nem um só laivo architectural digno d'applauso. Roza Araujo, coitado, não tinha culpa. Para a sua mais que modesta competencia, o papel de demolidor já era muito, e Deus sabe quanta actividade insolita para a sua gordura, e quantos sacrificios de dinheiro e credito ruinosos para os seus haveres, particular-

mente lhe vinha custando a sua bella aspiração de barão Haussmann alfacinha, de marquez de Pombal sem terramoto, entre-vendo n'um instincto de burguez precavido, o futuro da capital, mas não podendo dar corpo a esse grande sonho, por deficiencia mental, que demais a mais o pae lhe deixara ficar incultivada. Mesmo em principio aquella aspiração de reconstruir fôra restricta, taquanha quasi, porque ninguem pensara em reedificar Lisboa por completo, mas simplesmente em abrir entre o Rocio e o arrabalde, um cano d'ar, a cujos lados viesse colar-se o furor de construcções que os brasileiros ricos começavam a mostrar em tenebrosos predios de seis andares e aguas furtadas. Assim se fez a Avenida, que é como se sabe um corredor de cantaria, com altos muros cheios de buracos, palmeiras de cabellos nas pernas, e um obelisco-thermometro marcando no primeiro de Dezembro o zero da temperatura patriotica. Roza Araujo não teve a menor responsabilidade ou ingerencia nos typos de construcção que os architectos e mestres d'obras adoptaram ; no entanto, agora



que a Avenida está toda bordada de casas, olhem p'ra ella e digam-me se não parece dictada pelo ideal parallelepipedico d'um confeitoiro ! Proveio este desastre de Roza Araujo não ter a seccundal-o um engenheiro que fosse ao mesmo tempo homem de genio e homem de gosto, e de tudo se haver planeado e executado de rustilhão, com pressa d'acabar. Não se calcula os entres que o pobre homem soffreu antes de dar na terra o primeiro tanchão de picareta. Apenas se fallou em deitar abaixo as grades do Passeio, primeiro foi uma furia, depois foi uma guerra, depois foi uma troca.— O que elles querem é as grades, para as vender, diziam os rapaces. A força do habito levava os velhos a imaginar que se acabava o mundo no dia em que para a socego do almoço lhes faltasse aquelle triste redil arborizado. Uns por causa do ripanço, outros por causa das sopeiras, outros por causa da musica, o certo é que ninguém queria consentir no sacrificio do Passeio Publico á Avenida, e a par d'esta opposição pueril, a do ciúme e a do interesse: proprietarios de predios casmurros, do-

nos de hortas ainda não previstos na mina d'ouro a fazer co'as expropriações tramas ao ouvido, e inimizades politicas emfim, buscando intrigar uma obra que creditava o auctor na gratidão dos mais intelligentes... A Avenida votada, outra campanha começa, mais terrivel! Não ha vintem, é necessario pedir; e assim se estanca um emprestimo, e outro, e outro, e tudo perece no sorvedoiro d'esse melhoramento parcial que ameaça arruinar o municipio, e que negociado com socego, tomando por base a expropriação por zonas, sahiria gratuito, dando de sobejo para todas as phantasias em que o architecto e o jardineiro no fim da obra quizessem derivar.

Insisto no que poderia ter dado a Avenida, se a camara partindo d'um estudo de transformação architectonica bem guiado, e sabendo que para essa arteria convergiriam todas as novas construcções luxuosas da classe rica, dictasse a esta typos de residencia, não nos seus detalhes meúdos, que isso seria um attentado ás leis da variedade, mas dentro d'um quadro d'estylos subjeito a um *ensemble*, e frizando o monumental da

grande rua. Eis o que teria affastado d'aquelle sitio os predios mercenarios, os predios commodas, com janellas de bico e platabandas de loiça para vidrar, e o que multiplicaria as perspectivas por uma diversidade sem fim de typos palaciaes, dando a esse eixo novo de Lisboa, a grandeza scenographica que lhe falta, e o ar de grande terra que já agora só com um terramoto novo póde ter. E' realmente magua olhar da praça dos Restauradores, té á Penitenciaria, o bisonho canal de casarões saloios que arrotam sobre a via, chatos e altissimos, com seus telhados opacos, lucarnas de celeiro, magras varandas, e divisorias d'aluguer cheirando á sovynice dos senhorios. Dos pouquissimos palacios que lá restam, apenas o do marquez da Foz tem grande typo, o resto concebido n'um typo de cartonagem chinfrinote, dizendo o desfructe ou a estupidéz do architecto, a farofia patuda dos donos, e a irremessivel chateza mercieiral do nosso tempo. Como essa ambigua Lisboa nova é bem a Babylonia catita do Fontes, e como se sente na sua recta banalidade o vasio da sociedade soez que o deificou!

Entendam que eu não exigiria que á voz de Roza Araujo espayentasse da terra uma architectura inedita, commemorativa da idade d'ouro dos syndicatos. Um estylo não se inventa, é obra de seculos, começa por um capricho d'artista, que adequado ao destino da pessoa ou coisa a que se adapta, consegue calar na multidão sympathicamente. A geração seguinte contempla esse capricho e modifica-o ; vem outra e faz o mesmo, e seguidamente assim, té se obter por cristallisações successivas o resumo de perfectibilidade que o torna belleza logica, belleza typica, e o que é mais, belleza util.

A par das torturas soffridas para levar a cabo as obras da Avenida, o que para Roza Araujo era a parte difficil da gloriola que tanto prezava a sua innocente vaidade de popular metido com magnatas, outros cuidados mais faceis, mais ternos e harmoniosos com a sua fraqueza doce de bom homem, lhe enchiam o coração de mimos evangelicos, parecendo que elle se quizesse jus-



tificar d'aquella presidencia camararia, para que em sua consciencia se julgava incompetente, por actos ignorados de philantropia, e protecções paternas aos infinitamente humildes de Lisboa. E' assim que se começa a vér o nome d'elle na fundação d'asylos e de crèches, e em obras de caridade erratica, onde a sua bolsa vasa continuamente o peculio dos contos de réis herdados de seu pae. Inexgotavel de boa fé, candido inalteravelmente apesar da reserva metallica que lhe baixa, e das ingratições que mesmo no auge já começa a soffrer dos biltres a quem serve, uma palavra basta, da rainha, do rei, dos grandes influentes, ministros, jornalistas, para elle pôr fazenda e tempo ao serviço seja do que fôr; e nas subscripções para crèches, albergues nocturnos, ampliação ou reforma d'um asylo, levantadura d'uma estatua, Roza Araujo deixa sempre por baixo da sua firma a cifra em branco, sendo os iniciadores quem na preenchem, talvez por cima mofando d'essa encantadora basofia, ou prevendo sequer o gaudio da *debacle* para abater as cristas do irresoluto e obeso *parvenu*. Os jornaes n'este



comenos conseguiram tornal-o em typo d'evidencia, a caricatura apoderou-se-lhe da barriga, aquella barriga em fóрма de canto de *chaise-longue*, posta ao travez das pernitás bambaleantes, sobre que elle parecia sentado, e que era um dos resultados da dilatação estomacal a que o levára na mocidade o regimen do pastel. Uma vez popular, a matrulla dos canzoeiros impa sem conta; já não eram sómente os governadores civis sem cheta e furiosos de luxo e meza lauta, já não sómente os ministros roídos de batota, os ex-governadores do ultramar, as condessas-canastras e as boas mulheres desempregadas, quem, pretextando camaraderias politicas e atrazo de rendas, saccavam contra a burra d'elle a descoberto. Eram tambem os jornalistasinhos de noticias, as actrizes, os actores, pastelleiros, camiseiros, retrozeiros, pantomineiros, amigos d'uns, parentes d'outros, toda a cambada colossal que por Lisboa respira, engorda e vive de calotes, forrando ao trabalho a energia gasta nocturnamente a emprehender quem ha-de cahir com bago ao outro dia. Tornou-se moda encostal-o;

por fim eram já inimigos, desconhecidos, sucia sabedora dos seus acanhamentos, que o procurava na camara, na loja, pelas ruas, e que olhando-o nas pupillas, rudemente, lhe pedia dinheiro como quem pede pontas de cigarro. Roza Araujo por cobardia e frescura d'alma, nunca foi capaz de recusar: quem chegava via-lhe a mão estendida, o riso triste, e o gesto da cabeçorra acquiescendo aos pedidos mais disparatados. Houve um momento em que para assim dizer toda a gente lhe deveu dinheiro, ou serviços de dinheiro, e em que a sua gaspilhada fortuna, para sustentar o pé das generosidades que não cessavam, e iam n'um pavoroso vortilhão de desgovernos, houve que valer-se do credito, e disfarçar a completa exhaustão com expedientes. Aos primeiros alarmes da pobreza, Roza Araujo nem quizera acreditar n'esse phantasma; chegado aos pinaculos da consideração e do respeito, tendo uma rua crismada c'o seu nome, presidente da camara n'umas poucas de vereações laboriosas, fundador de crèches, thesoureiro d'estatuas civicas, popular, choraria talvez como Alexandre a

pequenez da terra, inquirindo se haveria mais nome a conquistar. Havia, infelizmente, o seu credito commercial compromettido, o bem estar resultante da certeza de ser rico, e finalmente a *revanche* dos seus demolidores e adversarios, que farejando a ruina, tinham começado a levantar-lhe barricadas e a envenenar-lhe as mais simples intenções. Elle ainda d'esta vez não queria crer. Pensava que a todo o tempo lhe acudiriam os grandes personagens por quem nos dias gordos fizera sacrificios, e que o seu prestigio politico e a memoria dos serviços civicos que prestara, o livrariam do opprobrio da falencia, intervindo na hora dolorosa, e arranjan-do-lhe um *modus vivendi* reparador dos desfalques de tantos annos de mãos rotas. Lançando um corajoso olhar ao destroço dos seus bens, pensou nos successos que ás vezes coroom um golpe de mão rapido e audaz, e então esse commerciante que não soubera dirigir nunca uma casa, empenhou o ultimo credito para fazer abrir por essa Baixa toda, cinco ou seis. Em menos de dois mezes funcionavam por sua conta tres pastellarias, uma no Porto e duas em Lis-

boa, uma camisaria, dois restaurants, e não sei que outras locandas de retalho. «Loja com uma só porta e o dono dentro», costumava dizer o velho *cóco*, á guiza de prolequio. As d'elle tinham muitas portas, portas talvez de mais para a cidade, e o luxo do café-restaurant da Avenida, apreciado em duas ou tres duzias de contos, coberto d'espelhos, com salas vastas e desafigos de grande estabelecimento, espavoria um pouco a rara clientella, n'um local onde pela força do habito não fazia appetite entrar para comer. De mais, era inexperiente ou mercenaria a gerencia e direcção de todas essas lojas, parecendo que não bolisse ao vivo c'os sacrificios terriveis de que o pobre Rosa Araujo lançara mão para as montar; de sorte que a pouco e pouco essas derradeiras esperanças de salvação foram rolando em medonhos *deficits*, cada vez mais difficilmente cobertos, té lhe crearem uma bancarota inevitavel.

N'esse dia tremendo, Rosa Araujo recordando-se dos que salvara gratuitamente, em tremendissimas crises financeiras, correu a expor sua deshonra a alguns que lhe de-

viam tudo, e que passado o perigo, outra vez na fortuna, se tinham esquecido de lhe restituir, como cumpria, os capitaes. Encontrou, já se vê, muitos braços abertos, muitos suspiros condoídos, muitas dissertações sobre a coragem, vagas promessas, patacuada, palanfrorio, mas nenhum dos antigos devedores pareceu reparar fosse o dinheiro o unico salvaterio para a afflicção que trazia alli espavorido o pobre diabo. A quantos pés se rojou, foram palavras o maximo de soccorro que logrou trazer d'essa tão vilipendiosa via-sacra. Como sempre succede, eram os credores pequenos quem arremetera primeiro a importunar-o. Roza Araujo deixou-se manietar por elles como um pandilha insolvel, e para as primeiras voracidades fechou o caffè-restaurant, leiloando a mobilia por um decimo do valor. Ao mesmo tempo limitava ao possivel o tratamento das tres ou quatro casas que sustentava, despedia creados, reduzia pensões, e dava tudo á matilha, ficando a dieta, e reconhecendo, tarde, que por mais que desse, um sorvedoiro ficaria sempre hiante a devoral-o. Ahi começa



a espiacão d'esse homem justo, tremenda, asphixica, sem confidencias, cada vez mais torturante á proporção que os dias passam, pois elles approximam a deshonna publica a longos passos, e cairá o ven das suas ulceras profundas, e esvair-se-ha, quem sabe, a lenda civica tão trabalhosamente adquirida ! Duzentas vezes vae renovar junto dos poderosos a sua imploração de homem perdido, feita em voz timida, curvado e torcendo as mãos de desespero ; mas agora que elle já não serve, não empresta dinheiro, nem faz eleições, nem dá jantares de borla, nem serve de fiador aos valdevinos, os amigos debandam-lhe á formiga, e os raros fieis apenas logram, tão pobres como elle, alcançar-lhe uma ou outra delonga de prazo para os debitos. Volta-se, e de todos os lados lhe cerceia o caminho a derrocada ; obsedam-no as contas por centenas, umas que elle já tinha pago trez ou quatro vezes, outras que elle não subscreveu, outras que julgava pagas pelos debitantes. Para todos os lados o descredito : o dos amigos que se justificam de o evitar, com reticencias ; o dos inimigos que lhe não perdoam as antigas vic-

torias camararias; o dos credores, a quem o dinheiro cega, e a exhaustoraçã da victima vae tardando. Apertado n'este circulo de ferro, o desgraçado não tem para os que o abandonam uma só palavra de despeito; por ventura adviria na cilada em que cahira a quando rico, tarde reconhecendo a estofa dos canalhas que o tinham explorado e roubado infamemente — nenhuma d'estas traições porem ressumbram queixa dos seus labios, e a sua fidelidade d'alma é tão completa, que á hora das recriminações supremas, accusado de n'um transe d'agonia ter pago dividas com o peculio d'uma artista e o dinheiro d'uma associaçã de beneficencia, esse que para justificar-se poderia ter revelado tantas fraudes, prefere curvar a cabeça e deixar-se abysmar n'uma irremediavel perdição.

Desde essa hora, Roza Araujo não teve mais alegria, e todas as lassidões da morte moral dando pretexto ao corpo para se extinguir n'um prazo physiologico, começam a lhe escavar rapidamente a sepultura. Com o barretinho de seda e o ventre flaccido, eil-o volta a vender pasteis na loja de

seu pae, mas esse retorno humilde á vida d'origem não faz senão cutilar-lhe as torturas interiores, mercê da suspeita horrivel d'em cada freguez estar embuscado um maldizente ou um credor. Como Cezar Biroteau no dia seguinte á fallencia, o pobre diabo perdeu o dom de fitar quem se lhe achegue; tem a face cahida, o beijo inferior n'um momo que é a bestialisação da magua nas physionomias pouco lucidas; falla sem pensamento, á flôr dos labios, n'um fio de vóz a cada instante interrompido entre as asphixias do respiro; e ao longo dos muros, na rua, de cabeça curvada, eil-o esgueirando-se como um criminal confesso, lastimavel e alheio a toda a ideia de reintegração social ou de bem estar. Quotidianamente os familiares assistem ao demudar da sua face, n'ella deletreando esse «diagnostic de coup d'oeil» que certas doenças mortaes revestem externamente; emtanto elle parece não dar por males physicos, tanto o moral se estorce n'um inferno de horriveis sobresaltos. N'esta luta horrorosa ressaltaria por banda do vencido, uma innarravel ancia de viver — de viver para oxigenar o seu caso

ante a cidade, para pagar integralmente as suas contas, para se lavar, n'uma palavra, da nodoa da fallencia, unica que a consciencia do lojista não perdoa, quando essa forma d'escrupulo radica na hereditariedade de muitos seculos de honra de balcão. Infelizmente, lançando calculo ao tempo necessario para, dados os recursos da casa, se poderem embolsar todas as partes reclamantes dos seus debitos, achava-se que só muitos annos volvidos Roza Araujo poderia emfim reaver a antiga integridade. E até esse problematico restauro, necessario vegetar na sombra aviltante do caloteiro publicamente perseguido, servir pasteis á freguezia, d'olhos no chão, tragando os chascos d'uma cidade implacavel para os timidos, e emfim abdicar de vez aquella sua gloriola de homem publico, aquella preocupação immortal de volto illustre, a bem da qual a sua vaidade de burguez fizera tanto, e agora alli jazia a seus pés, na lama, como um dominó de setim, findo o entrudo. Tamanhos sacrificios se lhe afiguraram preço exorbitante para que, depois das difficuldades vencidas, inda lhe restaria na vida a

desfructar ; de mais a doença cardiaca, agravada pelas preocupações moraes esmagadoras, ia-lhe carceando curto a paciencia, cortando-lhe a respiração, curvando-lhe para a sepultura o arcabouço, e foi assim que a piedosa morte se amerceou do pobre homem, precisamente quando tudo o mais começava a abandonal-o.

*15 de fevereiro.*

A miseria que ha poucos annos em Lisboa a bem dizer não passava da industria d'alguns vadios sem vocação para o trabalho, e d'algumas megeras em exploração das crias pela esmola, começa a tomar na capital caracter tragico, e a surgir como a suppuração d'um descabro social irreparavel. A crise que em muito pouco prejudicou a gente pobre da provincia, visto a sua feição quasi exclusivamente industrial, ao apanhar as classes serventuarias da capital, gente imprevidente e regalona, sem pé de meia, afoita ao viver immoral do dia a



dia, tão pela gorja as estrangula, que os destroços de centenares de famílias por hi andam na rua a pedir esmola, afóra outros que o suicidio e a doença teem reduzido a estrume nos covaes. Como a recolta dos deréi-sinhos pinga constantemente nas mãos dos mendicantes, e o acto de pedir esmola vem a tornar-se, ao cabo dos primeiros ensaios, n'um modo de vida infinitamente mais commodo que o trabalho officinal, a mendican-cia para muitos deixa de ser o recurso extremo d'um instante de miseria, para, perdida a vergonha, se tornar alfim em profissão. Aos miseraveis por destino juntam-se pois os miseraveis por expediente, aos verdadeiros pobres, os malandros verdadeiros, e é o que mais fatiga a caridade, e faz pagar aos infelizes as *chantages* dos vadios. Do côro d'aquellas victimas um grupo salta sobre todos, que me confrange a alma de tristeza. E' a das velhitas que á noite, quando o frio de janeiro regela mais, passam na semi-sombra dos predios, entre as cotovelladas dos felizes, vestidas d'escuro e examines de vergonha, balbuciando supplicas que são talvez restos de historias, e on-

de á evocação de Deus, se juntará, quem sabe? a desesperança dos que nem já de Deus ousam esperar apelação. D'essas al-cachinadas creaturas, algumas são verdadeiramente os espantalhos d'antigos dramas familiares, as espiadoras resignadas dos inconfessaveis peccados da sua geração, e são as que se acobertam mais co'a sombra, as que supplicam com mais receio das insolencias, e as que, mesmo repellidas, baixando a vista, tremulas do desaforo de terem fome, inda por cima tentam abençoar quem nas repelle. Desce a noite como um capuz colossal sobre a cidade, amplificam-se os bairros, os predios crescem, e as ruas se anastomosam em inextricaveis arborencias, desconformes da sonolencia tragica da sombra. Já os operarios passaram do trabalho, e o ceu vem rente aos tectos aferrolhar as aspirações para as alturas. Nos burgos pobres, socego, vultos com pressa, o gaz babando clarões onde esses restos de vida teem a incerteza de coizas sem destino. A hora em que os pobres ceiam e os ricos jantam, a hora do peixe frito nas tascas, dos clarões de gaz nos cafés ricos, e das

salinhas do jantar tressuando a cognac e a fumos de charuto. Na humidade da noite, rumores confusos, trepidações de febre, americanos cheios em rails que nunca findam, costureiritas seguidas, vitrines flamejantes, tipoias a galope, quatrocentas mil almas que mastigam; e n'esse egoismo monstro da digestão d'uma cidade, as pobres velhas, encostadas aos muros, resfolegando o esfacelo dos pulmões asthmaticos do frio, as pobres velhas lá descem, coitadinhas, dos bairros lugubres, para vir esmolar nos centros de concorrencia. Algumas, gordas, com restos de chailes amarfanhados na cintura, teem a faceira enxundiacea dos cardiacos, olhos de cinza, um fio de voz na bocca endolorida; e a espaços páram, esfalfadas do caminho, os chinellos na lama, a falta d'ar no arquejo do respiro, partilhadas entre a ancia de pão e a ancia de reponzo. Creaturinhas sem interesse, eil-as estendem a mão com medo que as conheçam, balbuciando suas lastimas a custo, e o transeunte affasta-se, seccado já d'outros pedidos, e sem reconhecer n'essa lugubre carcaça a sua antiga patroa d'em

estudante, a pobre mãe d'um camarada morto, uma amiga d'outr'ora ou uma parenta. N'esta cidade tamanha, a desgraça tem edições tão caprichosas! Aquella de preto, lenta, com as palpebras tufadas d'edema, a bocca parva e a mão estendida a medo. é uma viuva que eu conheci contente ha coisa de dez annos. O marido tinha uma pequena loja de tabacos, viviam bem, adorando e vestindo de velludo um filho que ha pouco tempo, já homem, indo fazer a cobrança d'uma casa, fugiu para Hespanha com o dinheiro e duas raparigas. O velho para pagar vendeu a loja, e pouco depois morreu de congestão. Ha-de haver duas noites quiz interrogar a mendiga sobre o destino que levara o rapazóla; vae ella que me viu, baixou a vista, e afastou-se a tremer como uma ladra descoberta. A perturbação da mulher alfinetára porem a minha rocamboheria mental de novellista, e vim a saber que o filho vive pelcs cafés de camareras, nos chinquilhos d'Arroios, uma vida de *souteneur* larapio e desordeiro, e que é a pobre mãe quem no sustenta, cada vez mais doida pelo pulha, á proporção que a rein-

cidencia d'elle toma o character moral d'incorregivel.

Outra, hespanhola, que estaciona á porta do *Leão d'Oiro*, sollicitando a piedade de quem vae para jantar, tem uma historia ainda mais desesperada. Tinha dois filhos ourives, e adoecendo d'um typho, fôra levada a tratar pr'o hospital; por lá esteve semanas, era no fim do semestre, e quando sahiu achou a casa alugada, e nem filhos, nem uma enxerga sequer onde dormir. Principiou a indagar pela visinhança o paradeiro dos dois canalhas, vindo a saber que propositando d'antemão que a pobre não escapasse, haviam dividido os tarecos, jogado as cristas, comido em pandegas o espolio; depois do que fôra o mais velho para o Porto, estando no Limoeiro o mais novo, por uma historia de cumplicidade em notas falsas. Historias d'estas contam-se ás series e enchem Lisbôa d'espectros esfaimados. Quem passar na rua do Ouro em certas noites, nos baixos do Montepio Geral lobrigará, escoado ao muro, um vulto negro, vulto sem corpo, apagando-se nos vaivens da multidão como uma sombra. Não se lhe veem mãos



implorativas, ponta de rosto, hausto ou murmúrio por onde adivinhar um ser vivente. Immovei na vertical luctuosa dos seus trapos, o pequeno espectro parece que dormita; não pede esmola e é evidentemente uma mendiga; ás vezes no torvelinho da matrulla que tem pressa, um cotovello bruscamente desloca-a da parede: ella remexe um momento, deita um suspiro, e outra vêz recabe na mesma quietação. Esse suspiro, porque crises de martyrio augusto se transfiltra, bom Deus! para exhalar-se assim pallido do cofre d'esse peito que por coração só tem recordações? Como a pobresinha não péde, cada qual vae andando o seu caminho, e noites e noites passam sem que a miseravel logre ver recompensado o tormento de vir alli expôr-se á multidão? O seu vulto porém causa surpresa, com a cabeça no peito, as mãos no chaile, incorporea e semelhante a uma escorridella de tinta sobre o muro. Alguma compassiva dama varada pela attitude glaciada da pobre, busca na bolsa um cobre bemfazejo, e do espantalho de trapos uma mão tremulenta se destaca, uma mão de velhinha torturada, d'ossitos debeis, pu-

nho esbrugado, branca da exanguidez das velhas peles que foram bem tratadas, e onde braceletes telintaram, quem sabe, n'outro tempo... Ainda estas são as relativamente queridas do destino, e bem que miserimas, desfructam por ventura d'uma certa autonomia. Deus lhes consente ainda que se arrastem pelos seus proprios pés, por essas ruas, não façam nojo ao menos, e possam fallar e mostrar o rosto triste á compaixão. Mas as enfermas, as paralyticas de bocca torta, patetas, tartamudeando gaguejos d'animaes desesperados; as aleijadas, grotescas, confeccionadas de restos que a natureza amputou com vida, d'outras creações sãs e perfectas; as cegas, de physionomia hesitante, a tatear com gestos infantis, no seu carcere medonho, a perversidade humana que ri alto... Que humilhações nefandas que ellas sofrem, e como pagarão amargo a illusão de soccorro que a mendicidade da rua lhes faculta! Não lhes bastava a desgraça de lhes faltar o lume e o pão na casa inhospita, e de terem de para comer, mostrar seus males, senão que tambem se lhes volte em asco a caridade, e lhes fuja do regaço a

esmola que o bemfeitor evita, pelo agoiro de lhes topar co's aleijões. Porque a verdade é esta : noventa e nove vezes por cem, a compaixão do transeunte é simplesmente um caso d'egoismo. O menor particular serve de pretexto a uma recusa: tal que para esportular cinco réis, exige pobres de sobrecasaca e chapéu alto ; outros que afinam com os corcundas e os chaguentos, e muitos que imaginam que todos os cegos são fingidos, e todos os filhos das pobres tomados d'aluguel a uma associação de compra-chicos. O egoismo dos felizes até no acto de fazer bem mette aggressões, e para elles a felicidade só é verdadeiramente um gozo psychico quando disposta de modo a fazer avivar pelo contraste os martyrios d'esses *declassés* de todos os festins.



FIALHO D'ALMEIDA

---



# OS GATOS

PUBLICAÇÃO  
D'INQUERITO Á VIDA PORTUGUEZA

---

N.º 53 — 15 de Abril de 1893

---

---

## SUMMARIO

LEILÃO DE D. FERNANDO E VIDA EPHEMERA  
DA OBRA D'ARTE CHIC — PINTORES DO CYCLO  
ROMANTICO : ANNUNCIAÇÃO, METRASS, LUPI, E  
AUSENCIA DE QUADROS SEUS NO MUSEU DAS JA-  
NELLAS VERDES — NECESSIDADE D'UMA GALERIA  
DE PINTURA MODERNA ONDE SE VÁ ESTUDAR A  
MANEIRA DOS ARTISTAS NACIONAES — EM QUE O  
«SELECTED» ME APODA D'ESCRITOR LICENCIOSO  
— REPRESENTAÇÃO DO «PARFUM» PELA JUDIC,  
COM ASSISTENCIA DE TODA A ALTA RODA — A

PEÇA COMO LITTERATURA E COMO MORAL, COM  
RECAPITULAÇÃO DE HAVER NO TAL «SELECTED»  
UMA GRANDE FALTA DE PUDOR — EXPOSIÇÃO DO  
GREMIO ARTISTICO — AS TRISTES MÁLHOAS —  
SALGADO E SILVA PORTO: ESTAGNAÇÃO DA PAY-  
SAGEM NO REALISMO PELINTRA DE HA DEZ ANNOS.







15 de março.

O leilão do espolio de D. Fernando, que se tem estado a realizar por estes dias, n'uma dependencia do paço das Necessidades, dispersa ao vento dos negociantes e colleccionadores uma consideravel parte d'esse *magot* d'obras d'arte que foi o enlevo e o sonho do pobre rei consorte. Não se pode dizer seja um composito de maravilhas, esse espolio, podado como foi já pelos herdeiros, das suas melhores peças de processo; entanto é curioso estudar pelos documentos á vista a quantidade de pacotilha que os reis são obrigados a pagar para animar as ar-

tes, e por elles ver como o convencional encanece cedo a obra dos artistas. Esculpturinhas romanticas, quadros de fructa e compota sobre fructeiros arrebicados, peixeiras com cáras de duqueza, scenas de campo dramatisadas á guiza de scenario d'opera, tentativas ceramicas sem character, procurando imitar escolas em vista — tudo quanto n'uma palavra a engenhosidade cria de picaresco, n'um paiz onde o genio artistico é chifarica e as escolas d'arte nunca passaram de tentativas officiaes sem valimento — tudo alli mostra o seu fascias matuto e desymetrico, dizendo a desorientação da esthetica portugueza de ha trinta annos, e a quantia de dinheiro esbanjado a abeberar rapazes sem talento. Com os pintores portuguezes d'esse tempo, que o fallecido rei D. Fernando apadrinhou, e cujas obras-specimens se podem ainda vêr reunidas por alguns dias no leilão das Necessidades, succedeu pouco mais ou menos o que d'aqui a vinte annos se dará com muitos d'esses cujos quadros agora nos parecem conter em si caracteres de coizas immortaes — isto é, dos debutantes opimos d'agora, grande numero ficará

pelo caminho, e irá empallidecendo gradualmente a obra d'outros, á medida que a oxidação lhes embrunecer as tintas, e que a ironia do tempo enfim, partindo do pretexto de que a melhor theoria d'arte é sempre a ultima, pegar de lhes descolar as telas das molduras, substituindo-as por novas, e arremessando os auctores das velhas, d'uma vez, para o cemiterio dos dictionarios d'erudição. Entretanto apesar da inaptidão congenita da raça para conceber e crear obras pujantes, apesar da duração transitoria d'uma pintura e esculptura inquinadas por todas as repercussões maniacas da moda, apesar do ensino viciado dos artistas, e do desprezo do grosso publico pelas chamadas «obras d'arte nacionaes» ainda d'aquella pleiade dos nossos pintores romanticos, buscando bem, achariamos, n'esse leilão de casa real que se esfacela, tres ou quatro bocados menos mortos com que fazel-a figurar nas Janelas Verdes, ao lado dos muitos que lá figuram com menos direitos talvez de solo e de nação. Temos deixado escaparem-se por mãos anonymas todas as pinturas dos representantes do periodo romantico em Por-

tugal, e a verdade é que o museu nacional não possui um só dos quadros bons d'Annunciação, Christino, Metrass e Lupi, sendo difficil hoje adquirir bocado que os exprima a toda a altura.

O conto de reis que o governo destinára a aquisições para o museu, gastou-o o inspector n'um par de jarras gateadas, n'umas chapas d'espada ornamental, e n'uma salva *repoussée* sem mór valor, e valha a verdade, o museu não é tão rico em obras modernas, que possa dispensar-se de dar guarida aos poucos artistas nacionaes que conseguiram transpor a mediocridade do seu tempo e viver alem do elogio mutuo das exposições. Supporíamos até dissesse bem, apoz de tantas salas de pintura religiosa, fundo de resistencia de toda a quadraria das Janellas Verdes, um ou dois salões contendo telas portuguezas modernas, dignas d'essa honra, atravez das quaes podessemos ver as impulsivas e propulsivas d'um ramo d'arte que em sessenta annos já tem custado ao paiz seu par de contos. Lupi e Annunciação sobretudo, vergonha é que não estejam no museu com figuração condizente aos només

que deixaram; deixaram dispersar-lhes o espolio, passarem os leilões onde a seu tempo teria sido facil gansar as telas typicas, de sorte que quem vier ás Janellas Verdes só acha d'aquelles pintores nobilissimos, bocadinhos, havendo que creditar-lhes os meritos sob palavra de honra, falta d'outras provas convincentes.

Outro tanto diriamos para um ou outro quadro dos pintores contemporaneos. As Janellas Verdes possuem já d'escultores recentes tres ou quatro amostrinhas, adquiridas como prova d'adeantamento e premio de coragem, mas nunca vi que o zelo dos governos tenha descido a honrar a modernissima pintura portugueza, pondo um Silva Porto na galeria consagrada a pintores novos. Estamos a visítar ha uns poucos d'annos exposições de pintura em Lisboa e Porto, onde a cifra de producção orça por duzentas ou trezentas telas annuaes. Parte d'esta obra consideravel, sei-o perfeitamente, é pacotilha, mas não havia meio de dar quinhentos ou seiscentos mil réis pela compra do quadro melhor de cada exposição, e iniciar com essas lentas acquisições uma sala de novos no museu?



*16 de março.*

O meu amigo P., conspiciuõ moço, que com o seu poucoquinho de miolo tem sabido fazer a vida lindamente, lembrou-se ha dias de lançar sobre a minha obscuridade o olhar commiserando, e d'americal-a com algumas palavras de louvor alternadas por outras tantas condiccionaes ponderativas e paternas. Abordando-me na rua, findo o jantar, depois de me pôr fraternalmente a mão no hombro, e de me anediar o pello com alguns diminutivos carinhosos, começou a desfazer-se em lastimas sobre a minha falta de geito para a vida, acolchoando esses lamentos de conselhos que eu deveria seguir para com brevidade romper a laboriosa miseria em que vegeto.

Depois de me conceder algumas aptidões plumitivas que eu agradeci esforçando-me o possivel por ter um rubor de collegial na face candida, começou elle por verberar a minha desorientada maledicencia, filha d'u-

ma mysantropia feroz que me não deixava servir um grupo, nem ter fé n'um credo, nem acceitar por bom nenhum trabalho feito. Retrato d'esta deliquescencia interna, o estylo em que eu escrevia, aspero, desagradavel e servido muitas vezes por um vocabulario de carroceiro. Como o estylo é o homem, inferia o meu querido P. pela minha soltura da lingua o desescrupulo moral improprio d'um espirito elevado, e nada attinente ás minhas aspirações de pamphletario flagelador.

Porquanto todas as coizas se podiam e deviam tratar hoje de luva branca, e era preciso ver pouco para não reconhecer que o *selected* da sociedade portugueza, aquelle que vae á frente, o que faz o nivel e a qualidade da opinião preponderante, era um corpo social digno de preito, impado d'illustração e solidas virtudes e altruismos geradores de luminosissimos e espontaneos movimentos.

Eu, a sorrir, citei-lhe os casos da quinzena que desmentiam dos conceitos optimos o tal *selected*: mulheres fugidas aos maridos, maridos auctorisando pelo seu despre-

zo as perdas das mulheres, recebedores geraes e thezoureiros de companhias, no estrangeiro, a monte, depois d'uma limpeza geral aos cofres fortes, e quanto á philanthropia da chamada classe preponderante, quasi tudo exhibição d'egoismo e modos de passatempo, sem alcance christão nem caridade.

— Por consequencia a moral . . .

Ia o *Parfum*, pela Judic, em ultima recita de serie no theatro da Trindade. Entrámos precisamente quando subia o panno e a orchestra dava o ultimo assoprão na tubulagem dos clarinetes. Conte-se a peça. O *Parfum* é um droguista inventor de perfumarias, accumulando estas aptidões com as de deputado e marido d'uma creaturinha interessante, e que ha tempos anda a confeccionar e a espiar no fundo do seu laboratorio a invenção gloriosa de certo perfume, que será a sua obra prima, e revolucionará, pela finura exotica, o mundo dos cheiros, creando ao inventor reputação universal.

Precisamente essa tarde os distilladores do perfumista acabam de produzir na sua fórmula definitiva a maravilha, que n'um ac-

cesso d'orgulho o auctor faz vir á sala, fumegante ainda, para azabumbar com ella, não só a esposa, que o admira e adora, como tambem certo perfumista rival que está presente. Trazido o perfume, todos os narizes se acurvam sobre o vaso, apercebendo então em vêz do composito d'essencias raras preconcebido pelo que se esperava da sabedoria do perfumista, uma d'estas degenerações d'olfacto, complicadas, e mais proprias para despertar a nausea do que para dar ideia dos jardins orientaes. O perfume supremo, pois, a obra prima do illustre cosinheiro d'essencias, não passa d'uma fedentina de laboratorio, insupportavel, e n'esta apreciação das omni sciencias chimicas do artista só um continua illudido, é elle mesmo, e só outro prosegue a ter ciumes da volatil berundaga: é o perfumista rival, que a si mesmo jura descobrir o preparo mysterioso de tão extravagante porcaria. Horas do comboio para Versailles; necessario que o deputado corra á sessão do parlamento, e eil-o ahi parte, depois dos parabens da esposa e dos empregados da officina, e das ovações do chimico collega, enauseados e afflictos todos pelas

emanações do horrivel vapor que paira no ambiente. Apenas os dois perfumistas debandam, a caçarolla do cheiro é mandada levar para o laboratorio a toda a pressa: vae a creada, ao passar com ella pela alcova, tropeça n'um *fauteuil*, entorna a mixordia, putrifica-se o ar, e ahí fica a perfumista prohibida d'essa noite dormir na cama conjugal, sob pena de morrer d'asphixia. Como a casa é pequena, a pobre dama, forçada a repudiar o thalamo, tem d'ir dormir para um cacifro de creados, perto da escada, e precisamente vago essa noite por se ter despedido á ultima hora a cosinheira. Ora, uma vêz a dona da casa deslocada do seu ninho, as peripecias que rezultam, d'uma insolitez cynica e porca, constituem todo o arcabouço hillariante do entremêz.

Começa o segundo acto por a perfumista inquirir da creada de quarto ás quantas horas chegou de Versailles seu marido, e a serva de responder que o deputado passou a noite fóra, devendo só ás dez da manhã



chegar a casa. Espanto da dama, que ateima que elle entrou, visto razões... matrimoniaes, basto palpaveis e que não é licito negar, mesmo ás escuras. Porém a creada de quarto, certissima do que affirma, breve convence a patrôa de que o senhor não recolheu; quanto ás razões documentaes, se não foi pezadelo da senhora, é que ha lambareiro mettido na funcção! A semelhante suspeita, a dona vae aos ares; não, é uma mulher honesta, uma esposa exemplar, e por coiza alguma trahiria a fidelidade jurada ao perfumista. Entretanto, entretanto, a terrivel certeza errissa-lhe os cabellos; dormiu com um homem, é positivo, e não sendo esse homem seu marido, então! então!... Ora, des'que o marido não foi, toca a inquirir quem poderia ter vindo em seu lugar. Agora, á furiosa revolta do pudor esgarçado, um estímulo novo açula a perfumista, vêr bem de face o hospede com quem praticou as leis da hospitalidade, saber se é velho, novo, bonito, feio, discreto ou linguareiro, e como o natural é começar pelo principio, ella approxima-se do ajudante do laboratorio, galhardo moço, que em proble-

mas de chimica mais d'uma vêz tem feito as vêzes do patrão. Effectivamente, depois d'uma pratica bastante emmaranhada, o pobre rapaz confessa ter dormido essa noite fóra do seu quarto; ajustára no primeiro acto certa entrevista nocturna com a creada, e tateando o cubiculo d'ella ás escuras, bem podia ser que se tivesse enganado no caminho. Scena de lagrimas — que desgraça! um homem tão bondoso! — e agora não ha remedio; uma vêz que o mal está feito, é prepararem as malas e fugirem, para esconder o adulterio em qualquer parte. Quando já promptos para o desterro os dois involuntarios culpados teem preparado as bagagens á pressa, averigua-se que a porteira puxou o cordão a certo retardatario que ás tres horas da manhã batera á porta. Quem fosse, ignora, estremunhada de somno como estava; é natural porém que o retardatario fosse o marido. Porém o marido não apparece, logo foi outro — e dois! — o que desespera cada vêz mais a situação periclitante da perfumista, e dispensa os fugitivos do desterro a que d'antemão se haviam condemnado. Mas quem poderia ser o intruso, quem? Eis o problema

novo que o ajudante e a patrôa desde essa hora se propõem resolver. Por uma serie de peripecias complicadas, vem a saber-se que o segundo perfumista, rival do inventor, premeditando caçar o segredo do perfume ao seu collega, se lhe introduzira em casa mysteriosamente, podendo talvez ser elle quem, madrugada, puxasse o cordão da campainha. O salafrario é casado e horrendo como um bo-de; imaginarão por tanto o asco e o horror da bella perfumista... Mas a salgalhada não pára n'este ponto, porque o segundo ajudante do laboratorio tambem consta que passou fóra de casa parte da noite; por consequencia... tres! É de perder a cabeça! e quanto mais elles procuram, hesitantes na escolha, tanto mais difficil se faz a averiguação do partilhador do thalamo conspurcado.

Finalmente ás dez horas da manhã entra o marido, extenuado, derreado, respondendo ás perguntas da esposa ambigualmente. Peripecias novissimas que o leitor me fará o prazer de dispensar, ao fim das quaes o desfecho da peça reata os seus episodios vis d'esta maneira. O primeiro ajudante, tendo dado *rendez-vous* á creada de quarto, passou o

melhor da noite n'uma especie de duo sexual, peccaminoso, sob os tectos honestos do patrão. O segundo ajudante, depois do chá, foi dormir com a mulher do segundo perfumista, o perfumista rival, que assim foi castigado de dar caça ás invenções do seu collega. E quanto á dona da casa, sob a eminençia de ter dormido com um dos tres frécheiros, á sorte, se conseguiu ficar incolume, deve-o á confusão do marido, que ajustando com a cosinheira uma noitada, fôra a deshoras metter-se-lhe na cama, onde em yêz da cosinheira estava a esposa, devido ao fracasso da caçarola do perfume.

Apreciaram da comedia pelo entrecho, edificados de que assumpto assim dubio lo-grasse captivar a inspiração do libretista. Perdoar-se-lhe-hia entanto a obscenissima embrulhada, se ella vestida fosse por uma litteratura faiscante e esplendidissima. Mas nem tal desculpa subsiste, porque o *Parfum* é d'entre as borracheiras francezas para uso das meretrizes e dos pulhastros viajantes, a

mais inqualificavelmente ignobil da serie, escripta n'um estylo de latrina, arrevesado, sordido, insalubre, a insistir constantemente na torpeza, sem um dito subtil que o recomende á tolerancia da policia, á misericordia da critica e ao passatempo sequer do espectador.

N'um paiz em que a lettra dos costumes fosse lida n'uma cartilha austera, por uma sociedade conscia do seu brio, canalhas que se atrevessem a representar publicamente uma infamia d'aquellas receberiam a vergasta nos lombos como ensino, e a expulsão da fronteira, a pontapés. Certo ha em Paris uns theatros, tolerados como casas de passe, onde as mulheres perdidas vão fazer caça aos estrangeiros que vem á capital da França despucellar-se. Como para o utilitarismo francez a corrupção é um genero de commercio como qualquer outro, a policia dos costumes fecha os olhos e deixa que os *Parfums* façam receita como chamariz dos estroinas cosmopolitas, certa de que nenhum francez que se preze ousaria lá levar a filha ou a mulher. Dois ou tres annos depois, os caixeiros viajantes que sahem de Paris em giro



de quinquilharias avariadas, chamem-se elles Judics ou Jules Jaluzots, ao aportar ás captaes de paizes extinctos como o nosso, que elles reputam terra de basbaques, despejam-lhes nos armazens toda a ucharia grotesca das suas malas, desde as crinolinas até ás tragedias, e a *sociedade da moda*, a gente civilisada, o *selected*, lá corre ufano a fazer successo ao *article Paris* que o velhaco francez de proposito fabricára para engrolar o estrangeiro desmoralisado.

Descripta a peça, e delineado o valor litterario e moral do seu entrecho, vamos dizer dos que estavam a ouvil-a no theatro da Trindade. No camarote de honra, S. M. el-rei, fardado, e com as duas rainhas em grande vestuario de *soirée*. Ao lado as damas de honor e os officiaes da sua casa civil e militar. Na primeira ordem e nas frisas, tudo quanto em Lisboa vále, como diz o *Illustrado*, pela aristocracia d'um espirito, pela celebridade d'um nome ou pela douradura d'um milhão. Presidentes de conselho presentes, futuros e preteritos, banqueiros, capitalistas, alta burguezia, aristocracia, côrte, tudo, absolutamente tudo o que em Lisboa gosta de ser

cotado entre as summidades espirituaes da roda dirigente, que dicta a lei e faz da «austeridade moral» um lemma de brazão—tudo lá estava, encasacado, de tira branca, luvas bordadas a preto, meias de seda e perolas no peitilho. Uma selecção d'elegancia como ha muito tempo não vi outra, e quem a fosse espreitar, descido o panno, imaginal-a-hia na espectativa d'algum grande acontecimento litterario nacional. Todos esses cavalheiros que representam o *selected* (sempre o *selected*!) da sociedade portugueza, tão desdenhosa sempre pelo vulgo, tão intolérante sempre pelos radicalismos litterarios que possam ferir-lhe a sensibilidade aristocrata, tão sabiamente activa nas leis do gosto, tão exigente, tão formalista, tão deliquesciente, tão desavergonhada e tão hypocrita — todos esses cavalheiros, não contentes de dar á cidade o espectáculo d'applaudir sem reбуço uma comedia obscenissima, inda por cima tinham acarretado á exhortação a honra do seu lar, fazendo-a ouvir ás meninas e ás esposas, e apreciando-lhe os dichotes por entre estridolas e desonestas gargalhadas. Os *fauteuils* do bai-

cão estavam inteiramente cheios de senhoras, as mais bellas, graciosas e inpeccaveis que os salões de Lisboa fazem brilhar nos seus chás das cinco horas, e algumas, ideaes, com decotes quadrados, corpinhos directorio, saias d'estofo aereo, em tons suaves, cobertas de joias e com biquinhos d'esmalte inimitavel, tinham a rir das reticencias pornographicas da peça, uma candura tão cysnea, tanta leviandade nos olhos, um descaramento casto por tal forma excitador, que fosse eu o marido d'alguma, ficaria perplexo ao querer destriçar d'entre esse extasi immundo, minha mulher das outras creaturas? Findo o spectaculo, uma raparigui-nha de fatos curtos, com um capuz de veludo carmezi, ia fazendo a critica da peça ao seu papá — Meu Deus, é muito fresca... e o papá fez bem em não ter deixado vir a mana mais crescida!

N'este ponto espero que o leitor conclua o que eu não lhe posso estar aqui a dizer ponto por ponto. Passo em revista as desataviadas paginas que n'uma vida de chro-

nista já longa me tem sido dado traçar ao acaso dos assumptos correntios, e por mais que insista não descubro n'essa obra d'ocasião, fortuita e pallida, um só motivo, uma só phrase, por onde caiba a fama d'escriptor licencioso que me arrogam. Uma ou outra vez irei buscar ao vocabulário plebeu, convenho, epithetos que os chamados burladores de salão põem de parte, ou chicotadas e cauterios que de modo nenhum representam grosserias de proposito, senão pura e simplesmente o gorgolejo que á minha indignada franqueza arrancam certos assumptos sociaes colhidos em flagrante. De sorte que «immoralidade», a havel-a, não é a que rechina do verbo rude d'estas chronicas, salubre de resto, mas a que bortoeja do flanco que uma sociedade corrupta offerece ao bistouri. Não ha palavras immoraes, mesmo em pamphleto; assumptos torpes não podem ser tratados em linguagem virginal, e é bom que se saiba que quem maneja uma penna deve ter do papel d'escriptor noção mais estridente do que espremer phrases candidas para entretenimento de madamas que vão á Trindade applaudir o



*Parfum*, como *cocottes*. De mais, como ter fé nas austeridades litterarias d'um *selected* que faz ovações ao *Parfum* na noite do mesmo dia em que me declara a mim licencioso? Licencioso, porque eu lhes não ponho em proza de cão fraldeiro, fedendo á leucorrhea abstrusa das alcovas adulterinas onde ellas intercalam Bellot com as leituras dos livros de orações, essas sensaborias morbidas, esses idyllios suspeitos a que as acostumaram os escrevinhadores ataxicos da geração que vae correndo. Licencioso porque se faz taboara aqui da periphrase lamecha que ha cincoenta annos tresvia entre nós o espirito litterario, que ou consiste em escrever n'um estylo de creanças, ou em occultar as expansões do estro humano n'uma aravia de capangas onde a melifluidade não exclue a bestificante hypocrisia. N'essa sociedade onde deliquesce tudo em podridões subcutaneas, e onde o espirito da formula, a religião das apparencias nem chega a satisfazer mesmo a illusão dos mais ingenuos, como aturar se exija para escriptores nacionaes a luva branca, quando não ha cabotino francez que a não faça delirar, de luva pre-



ta? As filhas d'aquelle banqueiro e as cunhadas d'aquelle general, esse antigo ministro, esse chefe de partido, esse polluido deputado, todos os conspicios P.P. emfim da maçonaria de tartufos que acorrenta o paiz ao snobismo das suas viciosas conveniencias, todos esses me expliquem por qual duplicidade repellem elles um escripto onde no silencio do seu quarto toparam com uma palavra «mal soante», e ao mesmo tempo aceitam de mãos rotas uma comedia onde á vista de todos andam em exhibição, tres horas, os orgãos genitales de quatro malandrões e uma mulher. Não, não me dispenso do vomito que esta moral intermittente me provoca, e se valesse a pena o desprezo, eu explicaria a todas essas bonecas desdenhosas como é que o pudor assim interpretado toma o character d'uma aberração nymphomaniaca das mais tristes.

*24 de março.*

Ao fim de tres exposições do *Gremio Ar-*

*tistico*, sociedade organizada menos para fomentar as artes do que para prover ao *ménage* dos artistas, já se está vendo qual o futuro provavel do tal gremio, que será retrahir cada vez mais para mysantropias nostalgicas os verdadeiros pintores, deixando aos curiosos o furor de se exhibir. Esta exposição é já de feito o symptoma prenuncial do advento do curioso á gloria da publicidade, a feira franca da pintura constituida em prenda feminina, e inscripta no catalogo das habilidades de mãos, ao lado do bordado a torçal, das flores de sabugo e dos labores *proprios* do sexo. Exhautorado a tal ponto um congresso d'arte cujos inicios, se não triumphantes, pelo menos deixavam prever ao *Gremio* um futuro de conscencioso esforço e honesta laboração, poucas sympathias lhe restarão da critica imparcial : á uma porque a ideia d'arte seja incompativel com a do negocio ao metro, á outra porque não é mais possivel tomar a serio certamens onde a pintura ameaça tornar-se em carta de curso de meninas casadoiras. E' doloroso assim vêr frustrado um tentamen sympathico de regeneração pictorial, e liquidarem em

apromptadores para exame, moços artistas que o destino fadára talvez para mais viris reputações. A exposição actual offerece de pictoresco esta imprevista nota de réclamo; e vem a ser que ha discipulas assignando com doze lições quadros que os mestres espozaram no anno passado, e mestres que para sublinhar os progressos das discipulas não duvidaram subscrever como trabalhos seus patacuadas que nenhuma d'ellas quiz expôr. Correndo as salas d'exposição uma por uma, é-se ferido pela quantidade de mercearia que ressuma a pintura portugueza, e pela paragem chalra de talento e de processo em que a ciganice da venda paralysoa a acção até dos mais conscenciosos estylistas. Rarissimos, pode-se affirmar, pensam em arrojarse a uma elocubração de sonho esthetico supremo, e em pôr o seu nome ao canto d'uma pintura com vislumbres d'obra definitiva; ninguem progride, e o que é mais terrivel, quasi, quasi todos retrogradam. Esta conclusão final é deploravel, e escandalisa tanto mais, quanto é certo ter o odioso retrocesso por movel causas que deshonram profundamente o officio de pin-

tar. Essas causas são de sobejo conhecidas e não gastarei carvão para as ferver. A educação preliminar d'*atelier* foi em quasi todos os artistas descurada, raros desenham, poucos conhecem de theoria sequer a sciencia dos tons e perspectivas, rarissimos sabem observar, e os que observam não concluem, do que rezulta nenhum sentir o quadro, e consequentemente sabel-o compôr *in mente*, antes de lhe dar realidade. A todas estas desagradaveis desfallencias juntar-se-hão as necessidades de dinheiro, levadas nos mais reputados a uma cubiça de vendilhões á cóca de se encher, e sobrelevando, o completo desprezo que lhes merece o publico grosseiro, o publico pagante, incapaz de sentir as obras pessoaes, de ser tocado por uma excepção de gosto tergiversante do ramerrão banal oleographico, e desafiando-os por isso mesmo, a elles, artistas, ao *rien faire* do quadrinho de dez libras, com duas bestas, um parreiral, e a ponte d'Algés onde na *Judia* está Jerusalem.

Tenho medo d'apontar exemplares comprovativos das insufficiencias intellectuaes e moraes que atraz fixei, e pelas quaes vejo

apagar-se a febre d'arte sob que ha seis ou sete annos se iniciára o grupo do Leão. Nos artistas parados o melindre profissional é uma ulcera dolorosa, tocar-lhe é fazel-os soffrer horivelmente ; e de que serviria isso ? — á hora em que vamos já não brotaria da raclagem qualquer reacção salutar para a pintura portugueza.

Não poderão dizer os pintores que á min-go de publico lhes esmorecesse a antiga actividade, porquanto mesmo nos annos maus seguidamente o publico concorre a comprar telas, fornindo áquelles garantias de vida que elle sonega aos melhores dos seus modernos escriptores. Tão pouco alegarão lhes tenha faltado o applauso da critica, os ruidos da voga e as sympathias geraes da opinião. Tudo isso teem tido ás regaçadas, e eis o que torna a sua apathia deshonestas, porque na plena seiva em que estão parar não é uma crise psychica da idade ; parar é uma ronha de typos que se alapardam sob o para-sol de nomes feitos, e querem intrujar o seu tempo com painelices pelintras e leilõesinhos de pintura acarneirada. Pois não é justo exigir á paleta d'artistas superiores co-



mo Silva Porto, cuja technica completa e cuja sutil annotação não podem mais preoccupal-o sobre os meios de fazer em que tropeçam os seus collegas, não é justo exigir, dizia eu, d'essa surprehendente aptidão de paysagista e animalista, de quando em quando um quadro mestre, onde o seu estro fique sobredoiado na concepção immortal d'uma obra prima? Vejam-se as suas exposições de sete annos: é tudo ensaios, apontamentos mais ou menos completos d'uma obra de folego que o artista, com uma cobardia singular, evita d'anno para anno, preferindo viver *au jour le jour* do prestigio que se fez na esperança desilludida sempre do publico, e adiando para as kalendas gregas a apotheose suprema a que tem jus.

Digam-me se não é realmente um crime deixar dormir nas faceis gloriolas do quadrinho ao alcance de todos esse pincel que poderia sem grande esforço, quintessenciando um pouco as suas bellas faculdades poeticas em germen, interpretar em tres ou quatro telas typicas as grandes commoções da nossa vida rural, apercebendo d'esta não o detalhe enterno, a nota anedoctica ou sen-

timental, que é o que Silva Porto explora e pinta nos seus languores de poeta preguiçoso, mas as divinas nupcias e segredos intimos da terra, mãe benevola e prodiga, os fecundos e maternos amagos da paysagem, a gynecologia esplendida do humus, toda a epopeia dos laços que prendem emfim a natureza bruta ao ser, este á idêa, e a ideia ao sonho immaterial.

Abanco em frente do grande quadro de carneiros que passa por ser uma das coisas capitaes de Silva Porto; bocado de dois metros, onde, por uma azinhaga esboroenta dos calores d'agosto, vem uns carneiros, um burro e um pastor. Na barreira da esquerda ha uns silvados, piteiras á direita, e acima d'estas uma oliveira ferrugenta, comida de poeira, queimada dos ardores do sol e pondo uma silhueta doente, hostile, n'um ceu de trovoada. Toda a figuração da scena é escrupulosamente composta do modelo, e tão authentica a poeira do fundo que uma pessoa a chegar-se e a ficar com o casaco branco d'ella. Pode-se estudar tambem cada accessoriosinho da pintura, está tudo exacto, no seu logar, com uma factura tão nitida,

e uma consciencia do minuscuro por tal forma escrupulosa que é impossivel destrinçar na lã dos carneiros fio que não seja pura lã, e na ramada das silvas folha que não tenha sido vista a microscopio. Photographese agora a tela, e tão exacta é a copia, que pelo *cliché* não ha meio d'apurar se a machina apontava a um quadro, ou se visou realmente uma scena natural. Eis ahi, me parece, a melhor critica aos carneiros de Silva Porto, schemmados pela photographia té uma copia banal do modelo morto, e authenticos ao ponto do artista abdicar do eu sonhante, para n'essa obra depôr apenas como uma testemunha imparcial. Quando o pincel assim se enfeuda á realidade por uma fórmula tão árida, por mais valor que se tenha o sacerdocio do ideal é letra morta, e d'esse instante, perdido o dom d'evocação poetica na arte, o paysagista não passa d'um empalhador da natureza.

O *Christo*, de Salgado, me parece, apesar da convenção theatral que o grava a branco n'uma serrania asperrima em crepusculo, a unica tentativa de paysagem psychologica que ainda me foi dado olhar nas

exposições do *Gremio Artistico*. Escuso-me absolutamente a vêr n'essa melodramatica phantasmagoria a revoada de talento original que os felichistas do auctor lhe outorgam um pouco *à la diable*, e mesmo me parece que suffocada a estranheza da visão primeira, gradualmente empallidece a impressão do quadro no espirito já desalvorocado de quem olha. Conhecem de certo a tela, não me cançarei portanto a esquiissal-a em minudencias.

O Nazareno acaba de deixar no olival de Guethsmani os discipulos amadornados de fadiga. E' a hora dos fortes que não tendo mais a espreital-os, linguareiros, tiram de subito a mascara impassivel, ficando então fracos e humanos na negação da sua origem de seres excepcionaes. Prezo d'essa amargura insondavel dos remidores de mundos frustrados pelo egoismo estúpido da turba, Jesus adentra-se sósinho pela charneca ensombrada, ella tambem, pelos pezadellos violetas do crepusculo. Não é uma paysagem de vale, extensa, onde os pensamentos vão como corceis, o ermo onde o pintor pintou o seu protagonista, mas uma especie de

resvaladeiro estreito, suffocante, com ribanceiras a pique, penedos, rosmaninhaes, formas confusas, uma especie de cuva tragica, vidrada d'angustia, e reenviando afflictivamente a alma do Redemptor ao espectador. A figura do Christo é posta n'uma das pontas d'essa grande paysagem roxa de seis metros; tem uma tunica branca em prégas fluctuantes, illuminada por dentro á Jablo-koff, e alça a cabeça com a expressão italiana d'um tenor que fosse cantar o sonho do *Propheta*. Por toda a tela se é ferido pela quantidade de motivos grosseiros com que ella arma á emoção desprevenida, e pela factura berrante dos violentos contrastes em que é dada. A preocupação moral porém sobreleva em muito essa optica de theatro, e mau grado a *mise-en-scène* de quadro dissolvente, a tela consegue impôr-se por uma intenção profunda de conceito, qual a de dar pela paysagem o estado moral do personagem, e fazer ler n'aquella penedia sinistra, como n'um espelho, a dolorosa ulceração interior do Moralista divino á hora do abandono.



*Masai*

FIALHO D'ALMEIDA

---



# OS GATOS

PUBLICAÇÃO  
D'INQUERITO Á VIDA PORTUGUEZA

---

N.º 54 — 27 de junho de 1893

---

---

## SUMMARIO

CENTENARIO DO THEATRO DE S. CARLOS —  
SEUS PRETEXTOS, DISPENDIOS E FINS — O QUE  
TEM SIDO O NOSSO THEATRO LYRICO — OS «EN-  
TENDIDOS» MUSICAES E CLASSIFICAÇÃO DOS ES-  
PECTACULOS POR ORDEM DE LOGARES — ENTRE-  
VISTA COM GERVAZIO LOBATO SOBRE A SUA RE-  
TIRADA DO THEATRO — TALENTO SCENICO E PES-  
CADA COSIDA — UMA OPERETA HILLARE SOBRE  
OS DUELLOS — CRITICA DA PEÇA E REPAROS SO-  
BRE A INJUSTIÇA FLAGRANTE DA SUA SATYRA EN-

VOLVENTE — EM QUE SE PROPÕE UMA MODIFICA-  
ÇÃOSINHA NO FINAL — PORQUE SE FECHOU A TA-  
PADA DA AJUDA --- PALACIO DA EXPOSIÇÃO AGRI-  
COLA, E DESLEIXO DOS PARQUES E JARDINS QUE O  
CIRCUNDAVAM — BALDIOS ONDE SS. MM. MELHOR  
PODEM ENSAIAR AS CRIAS DOS COELHOS — EM  
PORTUGAL TODAS AS COISAS BOAS SÃO PROHIBI-  
DAS — BELLO MARRETO, CHRONISTA DE SUAS  
REAES MAGESTADES.





*30 de março.*

No mez de julho proximo futuro completa-se cem annos que por iniciativa de Farrobo foi inaugurado o theatro de S. Carlos, e agora que ninguem pensou ainda em seriamente resolver a crise de trabalho que recrudesce, as reclamações dos credores estrangeiros que batem á porta, a carestia da alimentação e residencia cada vez mais dolorosas para as chamadas classes dependentes, jornaes, banqueiros e dilettanti grandes e pequenos, tudo é conluiarem-se, quotisarem-se, reunirem-se, para que ao centenario da opera italiana não falte nenhum

dos attrac!ivos com que é uso celebrarem-se os acontecimentos de luxo, quando os escora a vaidade de duzia e meia d'ociosos, de braço dado com meia duzia d'argentarios. Pouco importa que o pão falte cá dentro e falte lá fóra o credito e o bom nome, que os estabelecimentos de credito derrúam, mingua d'amparo, e feneçam os estabelecimentos d'instrucção, mingua de zelo. A turba-multa dos gozadores da capital tem musica estrangeira? Ha duas grozas de millionarios para ostentar equipagens na Avenida e fazer claque á philantropia scenographica da rainha? O resto é bagatella, e tudo está, diz um jornal, em fazer o theatro de S. Carlos «centro de concorrencia para o fausto e brios d'uma capital que se diz civilisada.»

N'esta conformidade pois já se pensa em pedir ao governo um credito extraordinario para tornar o centenario da inauguração de S. Carlos uma obra de preceito, o consenso unanime sendo que se não poupem despesas para dar brado na Europa com tal festa. De toda a banda chovem alvitres, ideias de pompa e pretextos d'esbanjar o dinheiro do paiz em bagatellas. Toda a gente esque-

ceu de repente as agonias proximas e instantes, trocando a angustia da situação actual, desesperada, pela fascinação da festa que ha-de ser essa noite de julho, relembradora das tantas com que o theatro de S. Carlos mais d'uma vêz tem engordado as casas de penhores. E no fim de contas, mesmo sob o ponto de vista da musica, que é apesar dos seus grandes fóros d'arte seria, um passatempo, qual tem sido o papel de S. Carlos na desinvolução das artes nacionaes e no cultivo religioso da emoção? Acaso alguma vez se viu sob a influencia de tantos annos de subsidios lyricos, surgir entre os frequentadores de S. Carlos um gosto fino, um criterio acustico educado, uma paixão philosophica e forte pela obra genial dos grandes mestres? Em cem annos d'exercicio, a historia das paixões musicaes que S. Carlos tem abrigado, nunca passou em bôa justiça de charivaris sem importancia, iniciados pela claque, inspirados pela sympathia pessoal d'um cantor pandego, pela belleza d'uma prima-dona algo dengosa, ou então pelos bilhetes de favor do empresario.



É percorrer em noites de semana, ahí do segundo para o terceiro acto, a galeria e disposição dos frequentadores habituaes d'aquelle templo. A unica emoção palpitante está no gallinheiro, logar pobre, esconso e recondito, onde algum melomano extatico, d'olhos fechados, deixa librar a phantasia a sabor da inspiração que a musica espirála. D'ahi para baixo, quanto mais se descer, menos se encontra; uma ou outra camara escura mental repintando aqui e além pedaços melodicos, em coloridos pessoaes, poetisados; alguma prima-dona de terceiro andar, inedita e furiosa, fincando as futuras glorias da sua estreia sobre os fiscos dos cantores de profissão, e o resto admirações e extasis sem alma, phrases de cór a respeito da voz d'uma, do phrasear d'outra, da nasalidade do barytono e da escola melodica do maestro, tudo quanto emfim os Bedéckers do theatro lyrico aconselham para na bôa roda se não passar por japonez. Descendo á plateia, só visto... Nas primeiras filas de *fauteuils*, que eram antigamente os logares cáros, uma caterva real d'individuos *declassés*, sem domicilio

moral, ao fanico da ceia ou do emprego, *co-cottes*, janotas entretidos por mulheres, velhas sem sexo, jornalistas sem nexos, e antigos solteirões sem dentes á procura d'um meio de distracção. E' d'aqui que partem os movimentos d'applauso ou de protesto, os artigos criticos d'escacha, os rapapés ás deusas e os bofetões por motivos de ciúme. Para traz é massa avulsa, pés frescos, namoristas: os que ficam da esquerda, namoram a segunda ordem da direita, e vice-versa, por forma que para estes a opera é simplesmente um meio de distrahir a mamã ou o marido, e ter quatro olhos piscanços sem reparo da bella sociedade.

Tal é a sala que musicalmente dicta em Portugal as leis do gosto, intimida os cantores, e tem pretensões de lá fóra passar por entendida. Como sob o ponto de vista do utilitarismo reinante as instituições se apreciam na rasão do proveito immediato ou remoto que são capazes de dar aos fundadores, perguntar-se-ha que beneficios auferiu a musica nacional n'estes cem annos, com os enormes dispendios que o theatro de S. Carlos nos custou. Indo aos archivos

da casa e historiando summariamente o successo das ultimas operas nacionaes n'aquelle palco, apura-se que os espectadores de S. Carlos, escandalosamente benevolos por mais d'uma vez com operas estrangeiras de nenhuma valia, se teem mostrado intransigentes com os trabalhos de maestros portuguezes, pateando o *Eurico*, pateando o *Arco de Sant'Anna*, pateando o *Elixir da Juventude*, a *Derelita*, impedindo a representação do *D. Bibas*, recebendo de mau humor o *Frei Luiz*, desdenhando do valor da *Dona Branca*, e finalmente não dando o menor signal d'interesse quando ha poucos mêzes S. Carlos deu dois pontapés na *Irène* d'Alfredo Keil, que a cidade de Turim acaba de consagrar por entre ovações calorosissimas. E' d'uma pouca vergonha inqualificavel! Conviriamos em que não seja d'azabumbar o mundo o movimento musical portuguez dos ultimos vinte annos, todo elle no estado de tentativa, como de resto as outras manifestações seriaes de bellas-artes; mas nem a creação da grande opera é coiza tão facil que possa estabelecer o precedente de só se aturar o que é sublime, nem os gran-

des compositores abundam no mundo já feitos, por fórma a não valer a penna dar hausto a debutantes. Em qualquer dos casos seria a platea de S. Carlos a ultima a quem de direito coubesse o pronunciar-se sobre a musica nacional, acerbamente; á uma porque tratando-se d'uma obra portugueza, a sua obrigação moral fôra applaudil-a; á outra porque dada a estupidez colossal de que essa platea ha feito praça, cumpria-lhe antes, em caso d'insuccesso, manter-se em expectativa, que não afixar ruidosamente opiniões sobre materias para que não tem cartas de guia.

Celebrar por consequencia o centenario d'uma casa que só tem dado lucros a estrangeiros, e só tem servido para entretenha de ricos e vadios, d'uma casa que nos custa mais cara que uma escola e a quem a educação geral nada deve em prol do bem commum, é sobre prova de snobismo estulto e caricato, um signal de desnacionalisação para juntar aos mais que temos dado. O centenario de S. Carlos ainda valeria como começo de regeneração, se essa estapafurdia festa de janotas fosse o signal d'uma vida

futura mais adentrada aos interesses nacionaes. Temos por esse mundo uma alluvião de cantores a fazer vida, e alguns magnificos, que muito conviria installar entre nós, des'que S. Carlos fosse, como devera ser, o grande templo da opera portugueza. Não digo que passassemos toda a epocha a ouvir o Antonio d'Andrade, o Alvaro Roquette e a Judice da Costa a gargantear um repertorio exclusivo d'Alfredos Keils, viscondes do Arneiro, Noronhas e Miguel-Angelos. Entanto esmaltando com a maioria d'aquelles nomes o elenco do theatro, inscrevendo no repertorio com effectividade as operas mais bellas, já assim se daria corpo a um grupo d'aptidões abandonadas, e satisfação ao patriotico desalento que allega que de nenhum tentamen glorioso somos capazes.

*1 de maio.*

Deram os jornaes noticia de por desgostos d'uma opereta da Rua dos Condes, cahida em desagrado, se retirar do theatro,



Gervazio, o libretista hillare que tão bem recebido foi em Portalegre aqui ha tempos. O caso foi soado, e grande numero dos que costumam rir das embrulhadas do grande theatrista correram em massa, chorosos, a lhe pedir sustasse a tetrica ameaça, e não fosse para Valle de Lobos um homem que se por um lado poucos contactos tem com Herculano, por outro, como Rabeção Grande só hyperbolicamente póde equiparar-se aos frescos de Pompeia.

Não vem a pello explicar o interesse intenso que os trabalhos theatraes de Gervazio despertam em geral, mas sempre direi que ouvindo as folhas rosar da abalada do escriptor para o silencio, com grande grita deplorei tambem, tão dura perda, d'alli propondo logo ir á Rua do Passadiço entrevistal-o. Encontrei-o, já se vê, secundo e fero, largamente adiposo, sentado á banca com uma careca de margrave, e repartindo a sua actividade entre uma opereta nova e uma pescada cosida com batatas. Se era certo então não escrever mais? Riu-se á Falstaff, e com aquelle gaguejo cheio de bonhomia, especie de reticencia rida que tão bons direitos

d'auctor lhe tem valido, concedeu-me dizer que sem pescada cosida, viver não dava a conta, e uma vez no bandulho a pescada, forçoso era reslitiuil-a... em peças de tres actos. Por consequencia, sustada a tiragem litteraria, como a pescada com batatas lhe fosse impreterivelmente necessaria ao temperamento, entoxicar-lhe-hiam o sangue as ptomaïnas theatraes que a pescada lhe fazia no intestino, e d'ahi a morte, coisa do diabo para um vivedor regalaão como elle estava.

Apontando-me a pescada e o caderno novo da opereta: — hein? se não estava alli patenteado o seu processo de trabalho?... Por uma banda mascava a pescada, por outra banda deitava a peça: nada de peça sem pescada, nada de pescada sem peça... Em conclusão, não se retirava do theatro, porquanto não podendo viver sem peixe cosido, não produzir theatro, era morrer.

— Mas, disse eu, se está averiguado que essa abundancia de veia comica provenha especificamente do peixe, porque não substitue v. a pescada antes por algum comestivel menos hillareaceo?

— Já experimentei o beef, mas é peor,

porque á veia comica substitue-se então veia dramatica.

— Realisa v. na verdade uma forma de talento inexplicavel, o talento por causa das comidas. . . Experimentou já alguma vez por acaso comer herba ?

— Oh, essa quasi que não tem influencia sobre a qualidade especial das minhas ideias, e se adrego a manducal-a, perco para assim dizer a personalidade d'escriptor, e nada escrevo.

— O caso é physiologico. Absorpção mais facil, quantidade menor de reziduos digestivos. Mas derivando d'assumpto, que obri-nha nova traz propositada hi no caderno ?

— Uma opereta hillare sobre os duellos.

— Que o assumpto é recente, e por certo v. despejará no libretto copia das plomaïnas taes que a pescada cosida lhe diz faz. Já a tem toda ?

— Um acto apenas, que me parece destinado a um successo incomparavel. Posso contar-lh'o a correr, se lhe dá gosto.

— Fu quasi que não ousava pedir tanto.

— Em certa rua da Baixa dois sapateiros teem questões por causa d'um seu collega

da provincia. Um é da casa real, um sapateirinho videiro, pondo bandeira nos dias de gala, e trabalhando especialmente em fôrma torta. Outro, o offendido, é uma especie de sapateiro associativo, mui democratico — tão democratico que sendo a loja d'elle ahi para o pé do Carmo, umas vezes por outras não se importa d'ir ate á rua dos Mouros, d'avental.

— E vae, produzido o aggravo, o democrata manda ao aristocrata testemunhas.....

— Duello á pistola, tiros pr'o ar a vinte e cinco passos de distancia, com a clausula feróz do combate seguir até ficar alguém estendido morto.

— O theatro representa pois, estou a vêr, os dois sapateiros no campo da honra.

— Que no caso sujeito accumula esta funcção com a de Campo Pequeno. Ora o adversario que primeiro chega, abanca n'uma tasca a petiscar mal-a companhia. Falam da pugna, e em vozes tão altas que o taberneiro tudo percebe. Vae, como o taberneiro é ao mesmo tempo auctoridade.....

— Bello! Bello! Lá começa o enredo a deitar as mãosinhas de fóra.

— . . . . . tendo já visto muitos duellos desfechar por um almoço de reconciliação e pescadinhas, em vez d'exercer sobre os adversarios a sua fiscalisação impeditiva e pacifica de regedor, o que faz é ir renovando o rascante das canecas, e passar lembrete aos amigos a que venham depressa vêr a pantomima.

— E' bem achado.

— Ahi chega ao campo o outro adversario, o sapateiro democrata, e quando o que petiscava na tasca vae a pagar a conta ao taberneiro, esquece-se de lhe gorgetear pingualmente a discrição, o que esfuria o tratante, que só n'esse momento se lembra do seu papel de regedor.

— Estou a ouvir d'aqui a aria do taberneiro escamadissimo, detalhada na musica do Cyriaco. . . . .

— Encontro dos duellistas, que se saudam n'um motivo de rabecões muito grotesco, e côro das testemuhas, occupadas a medir o terreno e a carregar de bala os canos das pistolas. Quando já os adversarios postados em face, averigua Miguel Strogoff que não estão sendo observadas completa-



mente as praxes do duello. O sapateiro aristocrata dista do seu rival vinte e cinco passos, enquanto este se distancia d'aquelle, vinte e seis. E sabedor das regras como poucos, Miguel Strogoff. . . . .

— Miguel Strogoff? . . . . .

— Sim, o juiz do campo.

— Ah, o juiz do Campo Pequeno.

— Qual ! o juiz da pugna, o que manda, põe e dispõe as coisas do duello.

— Já comprehendo. E' o papel do baixo comico.

— Entrementes tem carregado as pistolas a fidalga d'Arronches.

— A fidalga d'Arronches!... Mas para que diabo apparece como testemunha do duello essa fidalga?

— Homem, como é duello d'um sapateiro da casa real, e esta creação agradou nas minhas outras operetas..... O peor é que na Rua dos Condes não haverá quem faça este papel. Precisava d'um actor que como figura correspondesse a isto : uma barriga com uma penna atraz da orelha. Você conhece algum ?

— Não lhe fazendo transtorno que a barriga tenha algum cabello.

— Ora a fidalga d'Arronches que como monarchica de gemma nutre pelo sapateiro jacobino um odio assolapado, proposita fazer marósca na carga das pistolas, e ás escondidas mete uma bala de miolo de pão na destinada á barriga do seu cliente, ao passo que envenena com oleo de mamona a destinada a fazer espichar o adversario.

— Muito catita!

— Prestes a ferir-se a lucta, entre a segunda e a terceira palmada do juiz do campo, vê-se uma chusma de gente arrebentar detraz de um muro, e romper o côro

*Sustem por Deus as sanhas furibundas!*

entrecortado pelo arioso

*Presos estaes, presos estaes!*

*Olé! Olé!*

do taberneiro regedor, vindo a catrafilhar os rivaes em desforço da gorgeta recusada na taberna.

Immediatamente coristas e comparsas enchem a scena em grão tumulto, armados d'oculos, seringas, paus de vassoura e ou-

tros apetrechos guerreiros de presa e alcance, e todo este mundo faz cerco aos duellistas, incitando-os com *qss... qss...* de grande alacridade. O inesperado porem sobe de ponto quando entre repiques de sinos surge o prior do sítio, todo em talares vestes, como uma branca communhão n'um talho, como diria o Eugenio de Castro, e no meio das seringas volvendo respeitosa á bainha, esportula sua predica christã sobre os duellos, citando aos duellistas como exemplo os contendores do velho e novo Testamento que em questões pessoases preferiram antes esmurrar-se as focinheiras do que lançar mãos de pistarólas assassinas. A predica parece exercer grande pressão moral sobre os sanhudos batalhistas, que saccam dos ranhosos para enxugar as lagrimas de conversos, e entrementes que o côro entôa o

*Milagre ó ceus, milagre é este que.....*

sobre um motivo lento dos fagótes, o cura tem coagido com citações latinas o juiz do ampo ao descarrego das armas — sobre oc

que, reconhecida a authenticidade do pão azimo no miolo das balas, vae a exigir que cada qual dos sapateiros, em testemunho d'espírito religioso, commungue a que lhe era destinada. Na confusão porem as balas trocam-se, indo a de miolo de pão parar ás tripas do sapateiro republicano, e estando a d'oleo de mamona eminente nos dedos do prior sobre a lingua estendida do sapateiro aristocrata. E' n'este momento que a fidalga d'Arronches reconhecendo o dedo de Deus nas consequencias nefandas do seu crime, avança em grandes gestos de Lucrecia pela scena, e leonina de remorsos, deita aos gorgomillos a pilula purgante, arrancada aos galfarros do prior.

— Que maravilhosa scena, meu Gervasio ! e como essa pilula de ricino é o mundo sobre que se equilibra, tão lucido, o principio moral do bem sempre triumphante !

— Esta agonia é uma passagem semelhante á de Valentim no *Fausto* de Gounod : coristas de redor confeccionam papas de linhaça, e a preghiera

*Pela barriga morro, ó deus dos boticarios !*

que a fidalga diz rasgando o fato, fecha ostentosamente a peça, no momento em que os padrinhos declaram satisfeita a honra dos clientes, e vem uma commissão em nome da cidade felicitar os heroes pela coragem que mostraram — ouvindo a predica do prior sem no correr.

— Lindo trabalho, esplendido Gervasio, se bem que como satyra ao duello algo picado d'exageros que são profundas injustiças. N'este libreto pretende você mostrar que os desafios polas armas, taes como entre nós se interpretam, não vão além d'arremedos grotescos tendendo a fazer com que os adversarios, por uma viagem d'ida e volta ao chamado campo da honra, se despensem realmente de desforçar a supradita no chamado campo da lambada. Peço para reflectir um pouco na calumnia assacada pela sua obra sobre a valentia d'um povo que desde as cruzadas vae á guerra. Supponha que o duello tal como vossa mercê o engeringonsa, em vêz de ter por gladiadores, dois sapateiros, metia antes jornalistas. Acredita que houvesse algum capaz d'entregar questões de pundonor á confidencia d'um tas-



queiro, e de consideral-as liquidadas pelo discurso d'um padre e dois tiros de pista-róla para o ar?

Gervasio redarguiu :

— Essa critica provém de você imaginar o assumpto do meu libreto verosimil, coisa que jamais me passou pela cabeça, verdade, verdade. A minha opereta não passa d'uma *charge*, porque não ha meio de crer que sapateiros se batam como eu pinto, quanto mais transportar o caso a escrevinhadores cujo papel, supponho, é dirigir a opinião.

— Que?! pois a arenga do prior, a pendencia de honra epilgando com uma salva para as nuvens, os cumprimentos da commissão e as actas dos padrinhos refazendo uma consciencia nova aos pistolistas, é tudo brincadeira, *charge*, pura invenção jocosa do seu cáco? Nada d'isso se deu por Lisboa, em tempo algum?

— Absolutamente nada, pois mais que ninguem, amigo, persuadido estou da perfeita seriedade do duello entre homens de jornal. Ainda ha pouco tempo um houve, sobejamente grave pelas circumstancias de ferocidade em que foi feito. E se nenhum

dos combatentes feneceu, é que ao menino e ao borracho.....

— Muito me praz de lhe ouvir trovar tão justa homenagem. Pode ser que a pescada considera exagere a entrite comica ao meu escriptor, mas acquiesçamos em que lhe edulcóra tambem divinamente as lealdades d'alma e coração.

— Em bôa bora o diga!

— Por consequencia não sendo a sua peça, como diz, mais do que uma pyrotechnia hillare d'espírito inventivo, não me poderia você fazer certa modificaçõesinha no final?

— An?

— Não poderia fazer, por exemplo, com que a fidalga d'Arronches depois dos arranços da pilula começasse a fazer, um depoimento sobre o emprestimo de D. Miguel?

*25 de maio.*

A pretexto de certa cacetada esgrimida por um faia á cabeça d'um guarda campees-

tre, acaba a administração da casa real de prohibir as visitas á tapada d'Ajuda, salvo nas quintas feiras, em que está publica, parece que por ser dia feriado entre os cace-tes homicidas. Ignoro porque motivos se veda ao publico uma propriedade que alem de ser do Estado, isto é, de todos, pouco ou nada contem dentro dos muros que possa ser deteriorado pela visita livre do passante. O antigo palacio da exposição agricola, em vidro e ferro, tres pavilhões ligados por uma especie de galeria em meia lua, ficou depois da exposição fechado e entregue ao mais criminoso e estúpido abandono, não se lhe reparando os desastres da invernia, deixando quebrarem-se-lhe os vidros, cair a ardósia dos telhados, e só ha pouco recambian-do-se para lá um certo museu agricola, que no palacio do conde d'Almada dava bem triste ideia da portugueza agricultura. Dos barracões e hangares que constituíam os annexos da exposição, e custaram carissimos, ninguém mais tratou nem quiz saber. Foram totalmente destruidos os jardins que alcatifavam o monticulo sobre que se erguia o palacio central da exposição. Grande parte das

mattas plantadas por esse tempo, com arvores de luxo, fructiferas e de sombra, como ninguem mais as tratou, seccaram-se ou foram degenerando em rachiticas e concundas.

Finalmente aquelle recinto que na sua parte accidentada e florestal poderia tornar-se, com dispendio pequeno, n'um esplendido parque a dez minutos de Lisboa, mesmo sem sacrificio das terras d'onde a casa real colhe a cevada e a fava que ha mister para seu uso, aquelle recinto pelo abandono e o desleixo asselvajou-se, de sorte que não houve meio d'aproveitar a recreio publico as profusas dezenas de contos alli gastas por occasião do certamen agricola. Ora as sollicitudes e disvellos que todas estas coisas não lograram captar da administração da casa real, emquanto fôra mister olhar por ellas seriamente, acaba de merecel-as uma réles, insignificante e daninha criação de coelhos bravos, com séde na região montanhosa da propriedade, e que S. M. cubiça desenvolver para seus gozos de caçador commodista, á custa dos prazeres bucolicos do publico, que já se ia afazendo a

ver na Tapada a mais deliciosa estancia de melancholia e flirtação.

Ignoro a qualidade dos transtornos que a vedação d'aquelle passeio silencioso cause ao povo, mas não me esquecerei de dizer a inconsolavel viuvez que elle intromette nas minhas rumações mentaes d'artigoleiro. De todos os jardins e parques publicos de Lisboa, nenhum como a Tapada tem estado moral justapONENTE ao meu character. Enorme, deserto quasi, cheio d'escaninhos de sombra e pellucias de ceara, olivæes, moitas d'ulmeiro e pitospóro, madresilvas, favaes, selvas d'aroeira e arbustos de charneca, aquelle immenso cercado a dez minutos do centro de Lisboa, era o meu jardim das oliveiras, o deserto nostalgico onde, tres vezes negado pelo publico, antes de cantar o Pina, eu ia prosternar-me ao Deus dos my-santropos, a lhe pedir desviasse de mim o calix onde no vinho rutilo da vida tinham cahido moscas como o José Luciano e o Hintze Ribeiro. Quantos milhares de manhãs e tardes, emboscado nas moitas, á borda das rigueiras, de bruços sobre a herba, eu não li e reli livros amados, enquanto



os pardaes grazinavam «quem será este maduro?», — o rio espraiando a sua aguada immaterial té ao Bugio, e a massa da Ajuda, com a torre de gallo dando quartos, os casaes de Montes Claros, os moinhos e os outeiros riscados de courellas, pondo no fundo da vistaróla, cantante, uma nota de castello solar em burgo lavrador. O solitario que vindo do coração da cidade com a cabeça azoada do marulhar da vida lisboeta logre perder-se nos concentrados silencios da Tapada, e topar alêm com ulgum d'aquelles nichos de socego, á beira d'um lago, na meia laranja do observatorio, na escadaria do palacio da exposição, ou mais sobranceiro ainda, trepando a escarpa por detraz das construcções, certo não póde furtar-se á gratidão do Creador ter feito a natureza tão bonita, e ao borboleteante amor com que Lisboa fanatiza plumitivos «desequilibrados» a quem ella dá de comer o pão dos cães e o caldo negro do.... Amorim. Que projecto de livros, artigos, phantasias, eu não tenho curtido por aquelles recantos bons familiares, com o caderno de notas entre os dedos, o cerebro longe, no erratismo li-

vre d'uma ave superior buscando os cimos ! Poucos passeios de Lisboa terão como este, ambiente de mais titilante e fidalga sugestão, longe de pariatos, litteratos, syndicatos e feijões carrapatos, ares de melancholia mais nobre, virtuosidades de tom mais pitorescas.

Na primavera, agora, certos dos seus sitios selvagens são verdadeiros bosques de madresilvas onde teem conservatorio os rouxinoes. Rouxinoes mysantropos, rouxinoes orgulhosos, que não cantam em ouvindo passar gente na estrada. Para escutal-os é necessario ser amigo velho, ir devagarinho, pé cá, pé lá, para lhes não assustar os filhos na escola de solfejo, de sorte que elles tenham as mais exuberantes provas do mimo com que desejam ser tratados. Posto fóra d'este logradouro esquecido da grossa massa dos passeadores que costumam prostituir com a sua banalidade os sitios poeticos, relegado pelos egoismos da realza ciumenta das crias de coelhos, para os passeios da Lisboa central onde não ha meio de psychologisar uma theoria artistica sem ter a asphixial-a logo a cara de manjar branco do

Carlinhos Valbom, venho perante a administração da casa real, como Diogenes, reclamar o sol que um principe me tira, sob pretextos de caça, sabendo talvez que eu nada mais possuo que elle me possa confiscar. S. M. tem outros sitios mais proprios e melhores do que a Tapada onde estabelecer o quartel general das suas hecatombes. Tem por exemplo a cabelleira do nobre conde de Valenças, tem o recinto Magalhães Lima, tem Moçambique, tem os artigos politicos do Melicio, tem os livros do Luciano e tem o *gremio artistico*. Não ponha pois os caçadores de borboletas litterarias na contingencia de deverem as suas innocentes flirtações a bilhetes de favor. Feche-lhes o parlamento embora, escorrace-os da Academia, ponha baionetas caladas nos empregos que elles alguma vez pretendam em detrimento dos que desbarretam perante os quatro bucefalos que na Avenida teem a honra de o puxar. Eu cá por mim não me importo! Mas quanto á Tapada, cuidado! que eu sou muito bom, mas quando me tocam nos meus interesses, não é o primeiro que empandeiro para o exilio. Realmente não ha nada inte-

ressante em Portugal que não seja prohibido. Até para vender sapatos velhos na feira da ladra é preciso licença especial. Recantosinho pitoresco por quem o forasteiro bohemio se enamore, vem logo quem quer que seja dizer que não pode estar, que é prohibido — e toca de pôr uma grade com um soldado da guarda municipal. O admiravel parque da Pena, adquirido pelo Estado para passeio publico dos que villegiam por Cintra, terra onde tudo quanto é bom está fechado a sete chaves, foi açambarcado logo pela realeza regalona que o foi vedando senão em todos, pelo menos em grande parte dos seus alcandores e dependencias. A tapada das Necessidades, fechada. O rei não quer! Os jardins de Belem, fechados. O rei não dá licença! Fechada a tapada da Ajuda. O rei não tem coelhos. Ora não ha maior pouca vergonha! Por este caminho ainda são capazes de fechar a cabeça do Sergio sob pretexto de S. M. querer fazer lá dentro um viveiro d'ideias p'ra seu uso.

30 de maio.

S. M. a rainha, depois do que o Marreto diz sobre os seus afagos aos boisinhos deve desfazer se da ferradura apanhada em Vendas Novas, e pregar-lh'a ao pescoço, dando assim preito ás lambiçocas do chronista das suas caricatas *sensibleries*. Queira o leitor examinar as velhacarias do periodo que traslado, a vêr se n'outro paiz não era elle summulha para escadeirar o *artista* com meia duzia de fretes de changuiço. «A rainha saindo do templo encaminhou-se para junto das carretas, e o mais despretenciosamente possível começou acariciando os bois. Um murmurio d'admiração correu por todo o largo completamente apinhado de povo, um *frisson* d'enthusiasmo agitou todos aquelles corações...»

Admiração? Enthusiasmo? O Marretinho venha á barra explicar-se, quando não, não abiscoita a ferradura de merito agricola. Porque emfim, dada essa coisa trivial que é um afago a um boi, se realmente os de S. M. alvoroçaram o povo alemtejano, certo o alvoroço não proviria da caricia, mas do sitio; quanto ao *frisson* d'enthusiasmo, esque-



ce-se o estafermo de que ha uma cornadura nas armas da cidade. Foi por consequencia inconveniente duas vezes, inconveniente, insolente, archi-indecete — em recordar á princeza equívocos ingenuos, e em recordar aos maridos coisas tristes. Segue o pateta, «ai a nossa rainha que não tem vergonha de fazer festas aos boiseinhos! dizia do nosso lado uma rapariga do povo para um velho que tentava occultar umas lagrimas que lhe corriam pelas faces, servindo-se-lhe das rugas, coms de rails, para mais facilmente deslizarem. . . » Lagrimas deslizando pelos rails das rugas. Que imagem ferro-viaria tão catita! Mais não diz se ao chegarem á estação do trazeiro, houve foguetes.

A dar credito aos madrigaes com que elle bispotea á Luiz XV, as magestades, o povo do Alemtejo seria uma especie de bicho do matto prestes a desatar-se em pranto de cada vez que lhe passa á porta um estrangeiro. Ora a verdade é que os alemtejanos nunca choram, pelo menos por motivos indifferentes, e que a visita dos reis em nada lhes poderia espremer ao canto do luzio a glandula da ternura, sabido na provincia

que quando as magestades viajam, os impostos augmentam — ou apparece algum novo mal ás plantações.

«S. M. a rainha, fallando comigo ha pouco, disse: creio que a minha visita a Beja é um dos casos mais felizes da minha vida.» E' a phrase da Covilhã, voltada na costureira, e servindo nos batuques bejenses como nova. Marreto, como todos os chronistas parvos, presta aos seus panegyrisados a fajardice da sua propria idiotia. Não ha meio de se sahir esculptural da proza esconsa de taes tali-bitatis. S. M. se não diligenciar precatar-se das entrevistas dos reporters affectos á monarchia, dentro de pouco, sem o sentir, terá ganho uma reputação d'infancia cerebral que será o successo comico das suas vellegiaturas á provincia. Em verdade que isto nos peza summamente, porque com a sua formozura e a sua bondade, a illustre princeza poderia crear-se na admiração do povo um verdadeiro typo de rainha, se propositasse emfim ter um ar mais de palacio, apanhando menos ferraduras pela rua, afaçando menos boisinhos pelas praças, e dizendo pelos salões menos ingenuidades.

*Cl. W. - Anna -*  
*OT 2*

FIALHO D'ALMEIDA



# OS GATOS

INQUERITO Á VIDA PORTUGUEZA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

---

No numero anterior, frizando as utilidades demonstrativas da exposição dos Jeronymos, alvitrámos que ella se teria organizado provavel e principalmente p'ra dois fins: mostrar a acção de nove annos d'ensino industrial sobre as industrias, e estudar a influencia da pauta sobre os progressos industriaes de seis mezes de proteccionismo rigoroso. Deixámos já n'aquelle numero esmerilhado o primeiro ponto, mostrando não haver o ensino industrial em nove annos produzido a menor influencia benefica sobre as industrias portuguezas, mercê da anarchia dos programmas, da deficiencia dos mestres e da falta d'applicação dos es-

colares. Estudaremos agora um pouco algumas exposições parciaes d'industrias portuguezas, afim d'inquirir o caminho que ellas seguem, e do como valha a pena protegê-las ou deixal-as.

Quem attentamente percorra as galerias dos Jeronymos facilmente apercebe d'entre os artefactos patentes quaes os que são productos unicos do curioso armado. para o caso, em industrial, e quaes os que sejam representantes de generos commerciaes vendaveis, d'onde o productor tirou a esmo um exemplar para amostra ou typo de fabrico.

Claro que no primeiro caso a industria não existe, e o objecto exposto, fructo da habilidosidade d'um operario ou pequena officina sem producção, por fórma alguma deve representar apello attendivel ao proteccionismo da pauta. que augmentando os direitos d'entrada para os artigos similares do estrangeiro, lesa por esse facto o consumidor, sem dar fomento a industria que se veja. É clarissimo tambem que no segundo a vida da industria só poderá ser apreciada com lucidez e assomos de justiça. quando ao exame technico do artefacto nas suas

qualidades de materia prima e de mão d'obra, se ajuntar o computo da producção annual, o numero de operarios e machinas em acção, e tambem principalmente as condições de preço, deduzidas do custo do fabrico annexando-se-lhe um premio de trabalho equitativo. Ora na galeria dos Jeronymos as exposições de numeros unicos abundam, e perante ellas, a seis mezes apenas de pauta, o espectador não pôde discernir se taes objectos são apenas caprichos de curioso querendo mostrar que *cá tambem se faz*, se mais do que isso, tentamens receosos d'industrias creadas sob proposito de pouco a pouco se irem desenvolvendo em escala commercial. Por consequencia a exposição não consegue provar n'este ponto aquillo que pretende, e por excessivamente temporã apenas stereotypa uma exhibição de vaidade burocratica dando caça a portarias de louvor.

Como os jornaes réclamam que tudo aquillo se fez sem mór acrescimo de despesa, deixe-se passar ovante o dr. Tello, director da industria, sem agravar com isso as responsabilidades que lhe inpendam de



saber tanto d'industria como nós sabemos de chinez, e sem regatear tambem o que de louvavel haja n'um esforço, que embora fi-liado em instinctos d'imitação inconsciente, contudo algum proveito traz sempre, agua-do embora, para a vida economica do paiz.

A exposição tem como disse um fundo de pacotilha corriqueiro, já de resto conhe-cido em todas as nossas exposições indus-triaes, mas que d'esta vèz surge d'um su-bsolo suspeito, pedindo privilegios que foi lastimavel dar antes de se saber o que os *productores* intentam fazer d'elles. Escla-recerei com alguns casos saccados entre os profusos de que está cheia a galeria. Toda a gente se recorda de vêr pelos armazens de moveis um typo de cadeira-tamborete, costas e assento de cabedal envernizado d'escuro, pregaria de latão sem cinzeluras, e trabalho nos paus rudimentarmente com-posto d'algumas voltas de torno e um ligei-ro meio-florão no coroamento do espaldar. Este objecto sem valor artistico, mas no en-tanto agradavel á vista, e mesmo elegante e fino para o preço, era um dos diversos que a marcenaria franceza popular cá nos

mandava, filho d'indústrias a bem dizer só exercidas para tirocinio d'apprendizes ou mestres marceneiros de fraca convergadura.

Os coiros eram uma simples gravura a fogo, ou estampagem obtida pela batedura da pelle humedecida sobre os escavados e os cheios d'um modelo. A madeira, branda de fibra, saia, eucaliptus ou qualquer outra barata e facil de talhar, permittia ao artifice mais leigo, por meio de tornos aperfeiçoados, uma producção diaria rapida e abundante, por forma que o objecto, barato nas suas materias primas confluentes, barato na mão d'obra, chegava ao consumidor de Lisbôa por duas libras, tres libras o maximo, tendo sahido das officinas francezas por cinco ou seis mil réis a rebentar. A nova pauta, tendo em vista nacionalisar a industria das cadeiras-tamboretas, fechou a importação franceza correspondente, sem indagar se no paiz haveria as industrias auxiliares, as materias primas e o expediente de producção officinal capazes de prover ás necessidades do consumo, em condições de preço e perfeição justificadoras do proteccionismo que lhe pedia o

fabricante. Ora, está na galeria dos Jeronymos uma cadeira tamborete, fabrico nacional, de modelo francez, e não passando, já se vê, d'uma servil imitação.

Madeira, coiros, pregaria, formato, solidez, trabalho de marceneiro e estampador, tudo é singelo, corrente, corriqueiro, e aquillo pouco mais valerá que cinco ou seis mil réis. Pois querem saber quanto pede o expositor por este mimo da industria nacional protegida a sete chaves? *Trinta e seis mil réis*, ou uma guarnição de casa de jantar, doze cadeiras, 432\$000 réis, preço d'uma mobilia artistica de pau santo! Como tudo n'este mundo é consequencia do facto anterior, e causa do posterior, fomos d'alli consultar um iniciado no criterio philosophico da pauta, que nos explicou a exorbitancia do custo, n'estes termos « não vê você que em Portugal não ha por emquanto a industria dos coiros trabalhados, por forma que para estas cadeiras é preciso estampar ou gravar os coiros expressamente, procurando curtidor que nas horas de maré se preste a tal serviço; porque elles, coitados, teem mais que fazer. . Estampados os

coiros, temos as madeiras. carissimas, porque a verdade é nós não termos madeiras por enquanto . . . Sanadas porem estas duas difficuldades, o resto é bagatella: ainda que, fazendo os nossos marceneiros por dia apenas a talha d'uma cadeira, só para elles é necessario deduzir do preço, entre quinze tostões e dois mil réis. Porque meu amigo, é triste dizel-o, mas aqui para nós, o paiz não tem por enquanto marceneiros . . .

—Dir-me-ha n'esse caso o que tem por enquanto o paiz, alem d'uma refinadissima estupidez. Para fazer um tamborete é necessario coiros: não ha coiros. Necessario madeiras: não ha madeiras. Operarios: não ha operarios! O que protege pois a pauta n'este ramo? Simplesmente a diminuição dos direitos alfandegarios, e a cupidez de meia duzia de mariolas que sob o nome de fabricantes querem fazer da lei uma capa de ladrões

Acode o meu interlocutor:

—Ha injustiça. Pedir trinta e seis mil réis por uma cadeira de seis mil, não me parece revele instinctos gatunaes; é antes

uma maneira diplomatica de dizer que se não quer produzir trastes d'aquelles. Fallemos frio. O marceneiro portuguez é em geral filho d'um pae que toda a vida passou sem diluir os miolos na ideação de novidades. Então acha deshonesto renegar a memoria dos seus, engerócando outra coisa que não seja canapés de palhinha e bancas de pé de gallo.

— Mas sendo esse industrial dos que mais se esfallaram a pedir protecção para as industrias, é que tencionava fazer da cadeira exposta o debut de d'uma industria progressiva.

— Qual industria, senhor! Foi uma tellha. Evoluir de cadeiras, para que! se evolução de trazeiros é coiza que não ha n'este paiz?

— Olhe que lhe esqueceu o «por emquanto.»

— Ainda se o consumidor mordesse, pagando o artefacto pela exorbitancia das oito libras marcadas na tabella, lá podia o desvanecimento do artifice condescender a reproduzil-o em series commerciaes. *Mas por desfructe;* que elle, interesseiro, não é.



Como não morde, embucha, o pobre diabo, e assim o proteccionismo da pauta e o gradual abandono da industria protegida, supprimindo pela ausencia do objecto, a necessidade social que lhe corresponde, determinam uma acção simplificada, salvoseja benefica para o homem, visto regressarem-no ás edades em que elle, por só se sentar no chão, havia um calo approximadamente no sitio . . .

— Em que o simplicador devia ter uma bomba de pataco.

Eis ahi o espirito industrial de muitos avocadores da nacionalisação do trabalho pelo desterro da concorrência estrangeira — da concorrência que em muitos casos, longe d'invalidar-lhe o futuro, o estimulava, ao contrario, perfilando-se-lhe á direita como um emulo. Não vender nem deixar vender, tal é o lemma, que já seria perverso se peor não houvera no geniceu das industrias nacionaes.

Toda a gente maior de vinte annos possuiu ou possui ainda um d'aquelles guar-

da-chuvas inglezes ou francezes, de bengala fina e solida como ferro. sem pezo quazi, direita n'uma ponteira d'aço conica e polida, com seu castão de marfim, maçaneta ou cajado plaqueado de metal: e de varetas finas, solidamente engrenadas, flexiveis e prendendo uma seda de negro azul mais leve do que o ar. Este engenhoso instrumento que fechado e enrolado não faria volume maior do que o d'uma bengala de passeio, possuia a extraordinaria virtude de passar de familia a familia, inalteravel, sem descoser nem se lhe quebrarem as varetas, nem se lhe picar a seda nos vincos, nem chuva ou sol lhe comereim a còr ao cabo de tres ou quatro annos d'exercicio. Custaria quando muito de quatro mil e quinhentos a cinco mil réis, posto em Lisbôa, e o seu serviço d'umbella e bengala—conforme se trazia aberto ou enrolado--constituia-o n'uma especie de companheiro inseparavel, d'amigo quotidiano, doce de trazer pela rua, sem o menor enfado do dono, com todas as modas, todas as estações, estados d'espírito e tons de vestuario — representante legitimo d'uma industria seria, elegante, honrada, inalte-

ravel, que desapareceu na onda d'exploração gatuna com que modernamente o industrial dá caça ao dinheiro do comprador. Pouco a pouco, á medida que o fabrico de guarda-chuvas adquiriu entre nós fóros de nação, este maravilhoso traste começou a fugir subtilmente das lojas, a rascar nas mãos dos transeuntes, a quadruplicar de preço, e a ser desviado da circulação emfim pelo fabricante al'acinha propositando auferir co'as suas imitações, ganhos mais pingues. A industria em grande dos guarda-chuvas de seda seguramente conta em Portugal quinze annos de cultura, e quem comparar algum dos seus primeiros exemplares com os que modernamente sahem das officinas portuguezas, facil reconhece que ao passo que o preço augmenta, a solidez e perfeição do fabrico não tem feito senão retroceder.

Tome-se para termo d'exame um guarda-chuva de libra, fabrico nacional, dos que a Rua Nova do Almada opiparamente classifica, *de primeira*.

Supponha-se um dia de chuva em grossas bategas, rajada pelo vento encanado por uma rua de predios altos, ingreme, e de quinze

em quinze metros cortada de travessas. Vem uma pessoa com o guarda-chuvasinho aberto á saída da loja, catita, em folha, sentindo um prazer em ouvir tamborilar a chuva sobre o grão da seda nova, cantante e reteza nas suas doze varetas de metal. Momentos depois, ao estender a mão para apertar a d'um amigo, algumas gottas da batega humedeceram-na, e como é a mão que segura o guarda-chuva, ahí começa o castão d'este a distinguir uma cóla pegajosa e languinhenta, que arrasta a pintura consigo, e fica nas mãos em nodas d'ocre, e inicia a derrocada enfim do famoso traste adquirido a preços de ricaço. E' a primeira desillusão sobre a autonomia da industria nacional, triumphadora — operarios que envernizam com gomma arabica os castões dos guarda-chuvas — mas a contrariedade, remediavel, e com pequeno dispendio o traste voltará a ser uma perfeição. Vac, n'isto cogitando, á volta do Pote das Almas, uma barba-choca abalrôa-nos, e em uivos de possessa desata contra nós aqui del-rei. Reboliço medonho, um formigueiro de povo, cotovelão, policias: é a velha com um olho vasado, e esse olho pinga

d'uma das varetas do nosso guarda-chuva, tal como um-burrié na ponta d'um palito! Caminho do governo civil examinamos então, varados d'estupor, successivamente as doze varetas uma a uma. Ha quatro que reben-taram logo da circumferencia do panno, e que resahem zagunchantes, como outros tantos tira-olhos; quanto ás outras oito, levarão caminho identico, porque foram ligadas á pressa, com linha podre, e o mesmo succede á seda, cujas costuras, alinhavadas apenas, franjam o tecido, deixando vêr pelos buracos o ceu a fazer manguitos para as lindezas da industria nacional.

Noite no cagarrão, sinistra, obssedados pela recordação da vóz da barba-choca, com-nosco ás turras em que lhe havemos de pagar o olho d'ameixa, por um novo — e em ponto grande. Causa de tudo aquillo, o guarda-chuva ouve a conversa, aberto a seccar n'um canto do calabouço infecto em que jazemos. Reconhecer n'esse cangalho ignobil, o taful da vespera, coiza impossivel, tanto o castão sem vernis, as varetas a esmo no panno destinjido da agua, a bengala inchada e torta para um lado, o ar pandilha e gingão



de fadista côcho, desnaturisam o formato e o destino d'esse objecto artistico talhado para companheiro d'um homem *comme il faut*.

Apenas, fiança prestada, nos restituem o livre curso das pernas e dos braços, sobraçamos d'um pincho o guarda-chuva invalido, e em dez minutos eis-nos cahidos no patife do bengaleiro que nol-o vendeu.

— Olhe p'ra isto, seu pulha, e justifique-se.

— Ah, o guarda-chuva de hontem. Houve grossa invernia lá por casa . . São vinte e cinco tostões a mais pelo concerto.

A indignação da libra perdida substitue-nos a palavra por uma especie de cacarejo phonetico d onde se vêem saltar chuveiros de perdigotos.

O homem, branco. O guarda-chuva entre nós como um abysmo.

Até que afinal o constricto da raiva faz-nos rebentar da bocca coizas feias. E' um começo de volta á lucidez. E agarramos no homensinho por um braço. — Repare n'este castão que você me impingiu por madeira preciosa. E' cerejeira brunida com o verniz das suas almorrodias. Agora siga pela bengala fóra, até á ponteira. Ande!

— Sinto estar torta, diz com um gesto de pezames o méco, alapardando-se.

— Torta como você, n'um areo, quando nos quer tirar uma libra da algibeira.

— O cavalheiro . . .

— Agora o panno. E' isto seda, é isto tinturaria, é isto commercio? E as linhas podres, e as varetas partidas . . .

— Tambem para que havia do cavalheiro expôr o guarda-chuva assim a cargas d'agua?

— Oh animal, pois diga-me o destino social d'um guarda-chuva . . .

— Ser, quando chove, um guarda sol. Nem d'outro modo se comprehende a *protecção* a esta industria nacional. Pois o cavalheiro queria que ao fim de quinze annos d'experiencias o fabricante portuguez desse um artefacto indifferente á aggressão das intemperies, n'uma epocha em que a sensibilidade é tudo em obra d'arte?

— Mas em ultima analyse: para que demonio serve ao comprador um traste d'estes? Á chuva entorta, ao vento quebra, ao sol destinge . . .

— É coiza miraculosa! sem deixar de ser por isso uma fonte de riqueza nacional.

— Para o productor. Mas para o comprador?

— Ambos teem a ganhar co's artefactos de fraca duração. O productor por causa das vendas, o consumidor por causa das modas; e a circulação do dinheiro é o alcance final de todas estas intrujices.

— O grandecissimo ladrão sac-se philosopho. Parece o Marçal Pacheco a defender os bonds Hersent.

— Diga tambem um pouco hygienista. Des'que se perca a confiança em agazalhos, menos se sahirá á rua em tempo mau, o que pelo menos evita uma pessoa constipar-se. E cavalheiro, os defluxos são na pathogenia das doenças agudas o que é o credito em todas as desinvoluções de bancarota, uma causa occasional que conduz á morte.

— Creditado em mais dois pontapés pela consulta.

— Uma palavrinha: vae os vinte e cinco tostões pelo concerto?

— Que remedio! se a missão da industria nacional é depennar-nos. . . . Entanto, por precaução a incautos, não seria superfluo escrever por cima d'algumas d'essas ga-

lerias de productos indigenas, pegados com cuspo, e armando á escamoteação do freguez cynicamente, aquelle obsceno verso com que já Bocag<sup>o</sup> dialemára a industria nacional do preto Ribeiro

*«Industria de mostrar, não de...»*

dizem o resto no Curso Superior de Lettras a toda a pessoa que se apresentar munida d'attestado.

Não se julgue porem o auctor d'estas notas cancerado de pessimismos ao ponto de negar os definitivos successos de muitos ramos do trabalho portuguez. Em bastas industrias o progresso é evidente, e o escrupulo do fabrico revela-se já na abundancia da procura e voluntaria convergencia da sympathia publica a esses productos do typo forte, hombreando com o estrangeiro de cabeça alta, empenhados em bem servir quem se lhe achegue. Estão n'este caso grande numero de fabricas de productos metallicos, fundições de ferro e bronze, como a *Promittente* que produz machinas, como a Xavier C.<sup>a</sup> filho, que

produz alfaiia agricola, como a Ferreira & C.<sup>a</sup> que produz candieiros e suspensões, como a Frederico Collares, Thiago Antonio da Silva, Marcello C.<sup>a</sup> Silva, *Progreſſo Industrial* e *Empreza Industrial Lisbonense*.

Aqui não ha já o caipirismo do producteur armando á ingenuidade lorpa do publico, expondo o que não produz, occultando os meios do como vive. No seu caminho anda-se á vontade, vê-se pular a mão d'obra, e o industrial estimulado pela rivalidade dos collegas empenhar-se n'uma incessante batalha d'aperfeiçoamento, quanto ao objecto e quanto ao preço — o mais seguro penhor para uma industria attingir a edade adulta e constituir uma honesta via de riqueza.

Estão n'este caso tambem algumas fabricas de vidros, ceramica, fayança, mobílias, algodões, jutas, lanifícios, papeis pintados, artigos de camisaria, calçado, encadernações, e diversos artefactos de pesca, construcção naval, selleiro e correeiro. Não é todavia dizer que tenha sido tão ovante o progresso que a ultima palavra esteja dita na impecabilidade fabril d'estes differentes ramos de trabalho. De modo algum. Especialmente no segundo



grupo d'indústrias ha melancolicas notulas a pôr sobre o avanço um pouco descoordenado em que vão indo. Accentua-se a falta d'intuito commercial na maneira porque são feitas muitas d'aquellas exposições parciaes, pois em quazi todas faltam os preços, e os objectos andam a esmo, desse-riados d'uma ordem regular que os exhiba por escala d'usos praticos, e ascenso de preços proporcional ás difficuldades do fa-brico. Esta classificação razonada, não seria superflua, como cuidam, porque serviria ao publico de menemonica para fixar coizas que elle d'outro modo esquece apenas volte costas ao producto. Tambem é descurado o pictoresco, não sob o ponto de vista da riqueza d'involucros, mas nest'outro mais moderno do conjuncto d'accessorios que possam dar á exposição parcial, valor estatístico, architectonico, ou qualquer outro representativo da complexidade social da industria exposta. Rarissimos industriaes effectivamente se lembraram de collocar a par dos productos da sua fabrica, a photographia d'esta, com as officinas, as machinas, o grupo d'operarios, e nas costas do cartão de

visita da casa, em quatro linhas, a historia da fabrica desde a fundação, mencionando os principaes productos fabricados, o numero d'operarios, a quantidade de trabalho annual, a media das jornas, o numero de horas validas diarias, a estatistica da assiduidade e frequencia á officina, e todos os demais pormenores servindo enfim para a historia da industria nas suas relações com o proletario e o fabricante, sem esquecer as escolas appensas á officina, os montepios, as caixas d'aposentação e sociedades de recreio, no caso de as haver. A utilidade d'uma revista d'industrias assim feita salta á intuição sem mais preparo; só d'esta forma estatistica é que uma exposição é o inventario do trabalho d'um povo, e só assim ella conseguirá fazer de cada visitante um crente e um patriota. A occultação dos preços importará a suspeita d'uma producção irregular e intermittente, executada conforme a offerta e a lorpice ou esperteza do comprador, por contracto ao ouvido—o que é mais que bastante para denunciar uma industria sem confiança em si, e exploração em vez de commercio licito. E' o caso de

muitas das fabricas de lanificios, que produzem d'imitação, entaladas para viver nos gallarros dos mercadores e alfaiates, e cujo labor precisa se destituir das ladroeiras d'estes intermediarios parasitas que se enriquecem a roubar descaradamente o publico sem que ninguem lhes venha á mão por taes finezas. Por certo conhecem a historia da acção coercitiva d'estes pulhas, e apenas lha lembrarei como incidente. A maior parte das fabricas de lanificios não possui em Lisboa armazens de venda a retalho onde o consumidor adquira o artefacto ao preço da fabrica, o que faria descer o custo do vestuario a metade quasi do que elle representa actualmente. A industria de lanificios que entre nós progrediu nos ultimos annos a grandes passos, precisou para viver, ao iniciar-se em grande, de se enfeudar por completo á maçonaria dos mercadores e alfaiates, os quaes, reconhecendo-se indispensaveis, abusaram do productor, como é costume, policiando com olheiros seus todas as portas por onde a industria podesse ter com o publico relações directas e leaes. Chegada a hora da emancipação,

isto é, quando a arte de tecer e tingir indelevelmente os estofos de lã tocára a meta de poder viver sobre si, mostrando productos originaes de valiosa e solida envergatura, o mercador que desde muito a trazia escravisada, em vez de pactuar com ella um lucro honesto, do que tratou foi d'aproveitar-lhe o trabalho para um serviço de falsificação de fazendas estrangeiras, das que a moda vulgarisa, e para toda a gente constituem, com o exhibicionismo de hoje, uma necessidade inadiavel superior talvez á de comer. N'esta conformidade a pauta que por um lado dava auxilio aos fabricantes de lanificios, livrando-os da concorrência dos grandes centros productores, por outro ainda mais os metia entre mãos do mercador e do alfaiate, que á sombra d'ella continuaram a impingir casimiras francezas, cheviotes inglezes, flannels allemãs, feitas todas em Alcantara, Arroios, Campo Grande, Arrentella, Alemquer e Covilhã, e sobre cujo exclusivo o intermediario exerce direito de senhor, filhando-as a modico custo, para as restituir depois ao consumo pelo preço das estrangeiras, agravado dos exorbitantes direi-

tos da pauta proteccionista. Todos possuímos algum par d'essas ostentosas calças em tecido de malha ou entrançado diagonal, muito correcto, com seu fio de seda reluzindo, e padrões salpimentando-se copurchiquemente de tres côres discretas, em que dominam o cinzento, o castanho ou o rubro atijolado. Custa de seis até nove mil réis, conforme a reputação e os ares do alfaiate. Se pretendendo minar a sutil trama do estofo e filiação industrial em parallelo com a farofia gallica ou britannica que nos bortoeja da tolice, olhamos o bilhetinho do córte, por inquirir a que terra d'alem Pyreneus daremos a honra de nos vestir as tibias da girafa, logo antecipando-se, mestrerasça nol o fará reler collado á ponta da fazenda, em inglez ou em francez, com a marca da alfandega e a factura até subscripta pelo gerente da fabrica estrangeira d'onde veio. Nada por consequencia mais autenticamente inglez ou francez do que este trapo, que entretanto nasceu a lagua e meia de Lisboa, n'um tear d'Arrentella, entre os dedos d'um tecelão de melenas e bocca de sino, que o imitou á vista da amostra es-



trangeira remettida pelo mercador ao gerente da fabrica, com um pedido certo de córtices, a tres mil réis por cada, e prohibição formal da fabrica vender ao publico, o que transgredido importaria uma quebra formal de relações.—Mas, dirá o leitor, e o bilhetinho? a marca da Alfandega? a factura da fabrica estrangeira assignada e rubricada? E' tudo tão verdadeiro como o cheviote ou a cazimira, e com a vantagem de durar ao sol muito mais tempo.

Eu tive este inverno um fato (tambem os tenho, e pela duração forçada, ficam historicos, o que pelo menos n'isto se approxima a minha vida, da d'el-rei D. João VI) d'um tecido avellã, rijo de tom, grave, encorpado, e que o alfaiate a muito custo cedeu, *por ser para mim*, á razão de vinte e cinco mil réis, farpella inteira, com juras, já se vê. de ser francez o estofo precioso, d'uma fabrica que já não fazia mais, e cuja factura me mostrou com sellos e carimbos. Ha quatro dias, parando na secção de lanifícios deante da montra Alçada & C.<sup>a</sup> Monsaco, da Covilhã, com surpresa se me depara a cazimira estrangeira do meu fato, a

tres mil réis por metro, da qual pedi amos-  
tra, verificando então serem a portugueza e  
a franceza exactamente a mesma coisa. Ora  
como tres metros de cazimira vestem um  
homem, ajuntando aos nove mil reis do pan-  
no, seis mil a mais para feittio e aviamentos,  
recapitula-se que o meu fato avellã deveria  
custar quinze mil réis o maximo, e que o  
alfaiate portanto cotára na differença entre  
vinte cinco mil, e quinze mil, a minha igno-  
rancia das suas prendas de descaradissimo  
gatuno disfarçado em ralé de mercador. Es-  
te roubo não imaginem constitua um caso  
extraordinario: é quotidiano na rua Augus-  
ta, desde o Rocio até ao Arco; sóbe depois  
a rua do Ouro, emporcalha as lojas e arma-  
zens das travessas jacentes—depois do que  
trépa ao Chiado, para seguidamente alastrar-  
se por todos os bairros onde não é costume  
por ora andar em fralda. O consumidor in-  
feliz se alguma vez cuidar de reagir contra  
essa çafila de biltres, mais reincidentes no  
crime quanto mais completa a certeza de  
que a judicaria só se encoraja a montear  
ladrões sem domicilio, perplexo se achará  
sobre a efficacia dos meios de defender-se:

ou reintegrar os alfaiates no sentimento da honra, pelo cão, ou só ir escolher fazendas armado de dois peritos, e um trabuco---para desempate. Perscrutarão depois qual o motivo porque, accusadas de cumplicidade n'estes roubos de tantos milhares de contos, as fabricas de lanifícios não protestam contra elles distribuindo profusamente os seus catalogos de preços e amostras annuaes, abrindo venda a retalho nos principaes centros de consumo, e regulando finalmente o preço da alfaiataria com a estabelecida d'officinas de córte por sua conta? Honestamente só se pode explicar por indolencia, jamais pelos desfalques que uma liga de mercadores e alfaiates lhes poderiam mover, sustando-lhes a clientella. Quanto mais se observa nas suas differentes secções a exposição, tanto mais se soletra na chamada industria nacional, não uma expansão juvenil do trabalho jungido generosamente em panoplias de progresso, derramando a felicidade em cearas para todos, e adquirindo a riqueza por inpeccaveis dons de lealdade; mas uma generalisação perversa da cilada armada ao homem, o forte ao fraco, o avaro ao perdula-

rio, o esperto ao idiota. De cada industria iniciada, a intrujice, como uma videira de moscatel, suspende os cachos: cola-se a bocca sedenta, os bagos são doirados, mas que quisilia! morde-os a gente e em vez de rescedente mosto está vinagre. As que tentam marchar direito são tão poucas, que a meio caminho apenas dez ou doze, esfalladas nada mais que por haverem caminhado vinte passos, servindo-se da pauta á laia de muleta lá vão claudicando pela proeirosa ladeira a cujos bordos as outras pedem esmola, incapazes de se levantar pelo seu pé. As mesmas grandes industrias nacionalisadas por vinte, trinta annos d'installação no solo patrio, acham-se presas pela ausencia quasi total de materias primas, indissoluvelmente, ás industrias e culturas estrangeiras, de sorte que um bloqueio de certa latitude faria em dois mezes fechar todas as fabricas. A lã vem principalmente de Hespanha e de duas ou tres republicas da America, pois a nacional, attenta a má qualidade dos carneiros e suas alternativas de fartura e fome na pastagem, offerece no mesmo fio dois ou tres diametros differentes, sendo por isso

aproveitada só em obras de qualidade inferior. Os algodões, que nós já tecemos tão bem, vem da America ingleza e do Brazil. e muito pouco das nossas possessões d'África, onde facilimo fôra produzi-lo em quantidades colossaes. O trigo é pela maior parte americano, russo ou marroquino, porque o Alemtejo em pousios apenas serve para hypothecas no Credito Predial. O ferro vem d'Inglaterra e da Suecia, o carvão d'Inglaterra, as peles do Brazil, (até os cornos, parece incrivel! vem de fóra)—e quanto a madeiras de construcção vamos buscar-as a toda a parte, excepto ás nossas florestas da Africa e da India, ou ás montanhas e dunas portuguezas do continente, onde, pinheiros aparte, os camponezes selvagens e os agentes eleitoraes contrariados deitam fogo ás plantações que algum governo mais sivilcultor se lembra de fazer. O unico producto ingenito do solo é o homem. é esse que ninguem cultiva. divide-se em trabalhadores e mandriões—os trabalhadores vão para o Brazil morrer a montes, e os mandriões que eram antigamente amanuenses. agora começaram a tornar-se industriaes.



Se a mão d'obra caminha e a industria protegida se divulga, de duas, uma: ou prosegue a imitação litteral do artigo estrangeiro. com uma pobreza d'ideaes que faz quisilias: ou a viver a industria d'inventivas proprias. salta com dolorosa eloquencia a falta d'uma direcção artistica nacionalisadora do producto, e a perfeita inutilidade que tem sido até hoje a escola industrial para o operariado portuguez. O dismantello é n'este ponto quanto pode ser de fustigavel. Produz-se por exemplo em Portugal. desde a tessitura aperfeiçoada dos algodões, chitas, percales e adamascados muito bellos—e n'outros ramos fabris, jutas, papeis pintados. *bourrettes* e mobiliario para todos os generos e destinos. É uma alegria ver crescer debaixo dos olhos tanta manipulação de trabalho colectivo. saber que tudo aquillo já se faz em Portugal, só com este senão algo irritante—o de não haver um bocadinho só cheirando a portuguez. Para o caso das chitas, indaguem n'uma fabrica amiga sobre os mecanismos e technica d'esta in-

dustria O algodão sobre que ha-de ser estampada a chita, vem d'Inglaterra todo, tecido em peças; desenhos ou aguarellas de padrões, vem d'Inglaterra a amostra ao fabricante, que escolhe d'esse refugo estrangeiro o que lhe agrada, e encommenda depois os cilindros gravados para cada côr correspondente; as tintas são quasi todas privilegio dos mestres da officina, inglezes a duas libras diarias, que raros se descahem a ensinar aos operarios, tinturaria. Todo o trabalho nacional no fabrico das chitas consiste pois em induzir o algodão inglez de preparo chimico para o obrigar a receber fixamente as côres da estamparia, na cilindragem d'esta, e talvez no fabrico d'algumas côres rudimentares. O resto é tudo inglez, incluindo as drogas que servem no preparado das tinturas; <sup>1</sup> e ha nove annos que temos nas escolas professores ensinando

---

<sup>1</sup> Em Portugal só se tece o algodão dos pannos crus e abretanhados, e o panno que serve na estampagem da chita azul ordinaria, este em pequenissima quantidade. Casos de fabricante que envie de Portugal uma aguarella para padrão de chita portugueza, são rarissimos, porque mesmo não haveria quem nos fizesse em condições de gosto original.

desenho ornamental, gravura em metaes e não sei se tinturaria e chimica industrial! Por onde se tresviam os operarios sabidos da escola com a iniciação completa ou incompleta d'estas artes? O que fazem os professores que não dão mostras de si n'estes certamens, e só servem para expor, como um da escola de Faro, vergonhosos *crayons* de fazer riso a bebés do collegio Froebel? Com as jufas e papeis de forrar succede o mesmo. Execução correcta, côres excellentes, padrões arabescados e vistosos, mas lá está a *griffe* do cosmopolitismo fabril naturalisado á pressa para intrujar a pauta, e impingir a um publico sensaborão restos das *novidades* industriaes inglezas e francezas de ha quinze annos. Insisto n'esta desnacionalisação geral da industria nascente ou radicada por me parecer que fôra mister desvial-a dos processos da copia servil, precisamente agora que a mão d'obra progride, e o publico parece disposto a acceitar na manufactura uma porção de novo com resaios d'arte que lhe recordem typos nacionaes. Visitar por exemplo na galeria dos Jeronymos, o mobiliario, é vir de lá com a

cabeça em agua de tanta amostrinha de moveis gibosos. copiados dos albuns francezes, e d'uma catitice a deixar vêr nos interiores burguezes noções d'elegancia perfeitamente inspiradas, no copurchiquismo obsceno das *cocottes*. E' por toda a parte *fauteuils* de bambu doirado, com damascos verdes e azues, de flôres escandalosas, *chaises-longues* d'alcouce, razas ao nivel do chão, como para exhibições sexuaes depois de ceia. secretarias e bufetes de senhora, *genero japonéz* d'armarios findando em tecto de pagode, relevados a fogo e com vagos oiros pegados á pressa em madeiras de caixa de charutos. Duas ou tres vitrines d'armadores, postas em estrados, ao fundo da galeria, e parecendo conter amostra dos trabalhos usuaes das casas expositoras, illucidam inquietadoramente o publico sobre o conforto das classes *capitonadas*, onde, como não podia deixar de ser com taes mobílias, o incesto e o adulterio se estatelam n'uma lista de monstruosidades pompeianas.

E que admira ? se por ventura as exposições de moveis a que a alludo synthetisam o

typo usual d'instalação d'uma familia rica ou remediada, não ha n'essas casas um unico movel que aproveitado não suggira ao aproveitador uma ideia perversa, uma projecção anatomica congestiva, e uma necessidade pornographica ou estercoraria. Nos gabinetes cerceados de stores, vitraes, cortinas, reposteiros, alcatifas, biombos, colchas, a luz morre em crepusculos que amollecem o gesto, tirando-lhe a independencia deliberante, para o hypocrisiar em caricia e em attracção; o ar carbonifica-se d'uma espessura acida, que pelas difficuldades de o respirar propende á somnolencia; e como os estofos amortecem a bulha dos passos e das vózes, um mysterio sachristiaco desagrega-se, d'onde a tendencia de dizer ao pé da bocca coizas que ganhariam em se não dizer mesmo em voz alta, na rua, sob as vistas perscrutantes do total. A cerceação da luz e a fermentação do ar ambiente determinam já de si estado mental, e esse estado converge a fito desde que o movel pela sua forma e molleza dê a posição do corpo, acirre á preguiça, e emfim conceite as congestões erraticas parciaes. Não se imagine



que isto é theoria. É a mobilia e a casa quem, mais que a educação, formam o ser, e basta um exemplo, o de ter diminuido nas cidades a proliferação humana des'que foi inventada a *chaise-longue*, para se avaliar do quanto cumpre fazer obedecer a linha do movel a uma philosophia hygienica fundamentalmente estudada nas suas relações com a familia e co'a moral.

Ora a exposição de moveis alem de não conter nada que em artigos de conforto e luxo exprima a elegancia visionada por um gosto serio, de gente limpa, tam pouco no mobiliario modesto, trivial, quotidiano, desvenda coizas por onde fazer ideia da sala, da casa de jantar e da alcova d'uma familia pobre ou remediada. Ha moveis manuelinos de que a gente ignora a serventia, contadores de prateleirinhas e balaustres, inventados para papagaios fazerem habilidades, quartos de dormir segundo estampas que o *Album de l'ebeniste pour la France et pour l'étranger* classifica d'estylo Maria Antonieta, e que teem tanto de cáros como de ronflantes — uma casa de jantar em nogueira, estylo chato, francez, d'exportação, onde a linha

recta agride a vista — e cabides, cadeiras, secretarias, copias do inglez pelos modelos rigidos do *Hotel Terminus* — coizas avulsas, tentativas ao acaso, reproducção, repetição automatica, sabbatina para mostrar as prendas do *artista*, bôa execução aqui e alem talvez, mas nenhuma fina tentativa para com os elementos tradicionaes se crear o typo de mobilia nacional para todos os preços, em madeiras das nossas terras, composição dos nossos artistas, e reminiscencia das nossas velhas artes d'esculptor. <sup>1</sup> Está claro que eu não ignoro as difficuldades a vencer, para d'apóz eruditas procuras se transplantar alfim para o moderno um typo de mobilia portuguez. A' uma não abundam nos museus os genuinos exemplares; á outra, especialmente em mobílias de luxo, nunca o estylo nacional foi uma coiza definida in-

---

(<sup>1</sup>) A casa Couto, do Porto, expoz na Avenida em tempos uma serie de mobiliario popular extremamente interessante, do qual possuo um album com desenhos e preços calculados ao sabor dos teres de cada comprador. Não era propriamente mobilia de character nacional, mas como tentativa anti-rotineira, era sympathica, pelo lado economico especialmente.

teiramente. Os tamborettes e trastaria de torcidos que desde os seculos XV e XVI enxamearam nas nossas ricas rezidencias, vieram do paiz hollandez por muito tempo, com o qual por via dos *feitores* faziamos um commercio d'arte consideravel. Com as viagens d'Africa e as descobertas da India e do Brazil começámos a reproduzir em madeiras preciosas todos os typos usuaes da mobilia flamenga que importávamos, e assim passámos á Europa trastes conhecidos por portuguezes, como arcazes, bufetes, contadores, a que quando muito tinhamos annexado entre as minuscularias d'adorno, os *tremidos*, e que não eram mais do que a reedição do flandrino em estoffo rico. A lavraria dos coiros servindo na revestidura dos bahús e tamborettes, foi por longos annos tambem um artigo d'importação, expedido de Hamburgo e Anveres para Lisboa; já por fim iam de Portugal os desenhos para gravar lá fóra, e só nos meados do seculo XVI a industria se implantou entre nós, chegando a um estado d'apuro e perfeição surprehendentes. Com os cordovões ou coiros de Cordova, de que ha specimens tão

bellos em vermelho e preto, estampados a oiro d'alto relevo, o mesmo succedia.

Primitivamente vieram de Hespanha, mas ao depois a industria aclimou-se e conseguiu viver de vida propria. Nas suas linhas fundamentaes porem nunca a mobilia flandrina se modificou pela aclimagem portugueza, e apenas passando á India, e entrechocando-se com a arte indigena, originou esses moveis d'embutidos microscopicos, em marfim, madeiras de côres, tartarugas, pratas, de que são typo os contadores e as commodas apoiadas sobre monstros. Chega-se á epocha de D. João V, e a revoada d'esculptura excessiva e solar que enche de sublimes talhas d'oiro os sanctuarios de cinco mil igrejas e capellas, a renovação architectonica que transfigura a physionomia das igrejas, fazendo maravilhas na decoração interior dos grandes edificios, (ex. as tres salas d'entrada do Arsenal do Exercito, especialmente a segunda, que é uma surpreendente boceta de rei predulario e requintado) ao chegar á mobilia, apenas toca originalmente alguns grandes leitos, uma ou outra comoda que póde muito bem passar

por Luiz XIV abastardado, e por fim esmorece na banalidade jezuitica, sem maiormente assignalar-se em typos caracteristicos. De sorte que não existem na arte antiga do paiz motivos tradicionaes sobre que crear um mobiliario de luxo inconfundivelmente portuguez, a menos que um architecto ou ebenista de genio, por selecções successivas, por tentativas d'arrojo semelhantes ás que a casa Leitão começou a fazer para individualisar na ourivesaria o estylo D. João V, consiga um dia extremar d'entre a marcenaria espuria, o esqueleto ideal, flagrante, inedito, d'um mobiliario que derivando embora dos contadores torcidos da Flandres ou das vermicellas e plumas frisadas do rei sacrilego, comtudo divirja d'ellas no sentido d'uma emancipação total do estrangeiro. Já não seria tão espinhosa a tarefa se em vez de mobiliario rico, intentassemos reconstituir sobre restos da antiga marcenaria nacional, um mobiliario de pouco preço. Bastaria tomar para isso a antiga cadeira-tripeça, o leito, a cadeira pintada d'Evora, e a banca de pés divergentes, rustica, das cabanas do Alemtejo e Beira Baixa, para, ar-



tisticando um pouco estes modelos, termos um typo original d'uma mobilia de povo a mais não linda. De feito, que falta á cadeira-tripeça, tão gracilmente caprina, com seu assento de pau e o espaldar radiando em lyra rustica, para se tornar n'um movel de gabinete, de casa de jantar, ou de salão? Um pouco de torno nos pés, alguns desenhos a fogo ou pinturinhas em etrusco ou pastoral borboleteando nos cheios da madeira, uma enceradura ou polidura a lhe dar tom, e emfim qualquer ligeiro frontão d'esculptura esboçada, á maneira suissa, sobre as vagas cimalhas do espaldar. A cadeira pintada d'Evora, que é relativamente moderna, dos fins do seculo passado o maximo, teve por antepassado a *judia*, mais fina de madeira, lisa de paus tambem, o assento de tabúa, e pintada d'uma côr unida, avellã, amarello salmão, azul d'agua, sobre a qual, destacante, um sulco a escuro, e nas guardas da espalda sua paysagensita ou grupo de figuras. A cadeira d'Evora é feita de pinho verde e tabúa ordinaria, pelos carpinteiros d'escada da cidade, e apóz vae a pintar a oleo a uns certos troca-tintas, pin-

tores populares sem instrucção nem disciplina, que sobre os costados lhe atiram copia de flôres de roza e d'eloendro—a flôr das ribeiras d'Africa e do Alemtejo —preenchendo o resto de vermelhos e azues muito berrantes. Custa de deseseis a desoito vintens, em qualquer feira do districto, um traste d'estes, que apesar de grosseiro é regional e encantador de pitoresco; e uma cama larga, de pinho, alta de taboas, com sua barra de rozas jovialmente toucada de duas urnasinhas etruscas na cimalha, nunca vae alem de tres a cinco mil réis, na razão do caminho a que está do centro productor. A banca de pés divergentes, a banca-tripeça de cozinha, feita d'azinho, contemporanea do sapateiro das cavernas(?) e que pode apreciar-se de resto, já civilisada, em faia branca, com seu *plateau* d'azulejos, na mobilia popular d'estylo inglez, a prateleira p'ra loiça, o oratorio e a arca de ferrolho, pintada de rozas, á moda d'Evora, eis ahi tambem trastes primévos que bastaria corrigir nos accessorios, escolhendo madeiras seccas e mais finas, introduzindo aqui e alem fórmás elasticas, levezas de contorno,

diminuição de pezo e alados de <sup>uma</sup> pintura ornemanista, para com pequeno dispendio e diversa educação do operario se conseguir em breve um mobiliario popular incomparavelmente alegre e original. Infelizmente os cadeireiros d'Evora não teem per emquanto escola industrial, e que a tivessem, ninguém lhes compelliria a instrucção para estas futricalhas!

Eis em resumo algumas notas á margem sobre o que me pareceu surprehender de mau na exposição industrial. Torno a dizer que estas observações, filiadas de resto no offegante desejo de vêr o trabalho nacional medrar de vida propria, por forma alguma querem dizer falta de fé no futuro da industria intelligentemente protegida, e no esforço sympathico que é já esse montão de coizas a esmo na galeria dos Jeronymos. O que ellas representam apenas é impaciencia por tanto tempo perdido a vencer difficuldades caricatas, a jactanciar triumphos que não são mais que deshonestas artimanhas, e a espernear emfim entre difficuldades derivando d'uma falta de plano na reorganisação fabril da nossa terra.









h /

FIALHO D'ALMEIDA

---



# OS GATOS

INQUERITO Á VIDA PORTUGUEZA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

---

---

A morte de Silva Porto trouxe ao enterrecimento artistico dos que amaram a obra e o homem, a ideia, tradicional alias, de se lhe fixar n'um monumento a gloria candida. Alvitres d'uns e d'outros precisando o projecto, opinaram logo desde colocar-se-lhe a estatua ao centro d'uma praça, té reduzir-lhe as proporções d'immortalidade a um simples busto sobreposto a uma especie de bloco de granito. Vou dizer o que me parece sobre o caso, suppondo que todos conhecem a posição de Silva Porto na pintura portugueza, e a justiça que seja fazel-o lembrado ás gerações d'emocionaes. O estudo da sua pintura, computado pouco mais ou

mênos em quatrocentos ou quinhentos quadros, pela maior parte de pequenas dimensões, reservo-o para quando discipulos e adoradores levarem a feito a exposição da obra completa, porque só ahi veremos em toda a lucidez o corpo esthetico que a arte de Silva Porto formava no seu espirito, e a luminosa historia do seu sonho da paysagem, tão organicamente ligado ao feitio physico e á discreta penumbra em que o artista sempre respirou. O que fragmentariamente se poderia alvittrar sobre a natureza moral nas suas relações com os productos da palleta, já por varias vezes o escrevi n'este pamphleto com a sinceridade e o ardor de quem desejaria vel-o ascender depressa aos cimos, e a impaciencia de quem, sondando o curto folego da vida, receava não ver exceder-se ao sublime essa admiravel virgindade de melancholico pantheïsta.

Está claro que dada a physionomia artistica de Porto e a qualidade especial da sua obra, não são ellas d'estatura a atravancar c'um bronze a praça publica, mesmo nos casos da mais incondicional admiração: primeiro porque o publico não poderia nunca admi-

ral-o como estatura dominante na vida civica do paiz, onde tantas grandes figuras aguardam que a divida de homenagem lhes seja paga: segundo porque realmente se não compadeçam com o penetrante perfume minusculo da obra, d'un character tão intimo, tão para poucos, os ambientes largos, frios, democraticos e banaes, por onde carroça a vida pratica e tumultuaria da multidão. O monumento tem de ser pois, não uma estatua colosso, á altura dos segundos andares, mas um busto, collocado não n'um centro de largo, mas n'um macisso de flores formando *square*, ou n'uma *pelouse* orvalhada de jardim. Alguma coisa de mimo, cinzelada pelos amigos, collaborada por todos os discipulos, pequenina, graciosa, á altura dos beijos e dos ramos, tocada como uma joia e deante de quem toda a gente páre e se entorneça. Porque os monumentos grandes não são para a adoração, mas para o respeito ou para o enfado. Comprehende-se que a estatua d'um rei esteja alta, porque ninguém necessita olhar para ella. Mas a effigie d'um artista como Silva Porto, que legislou não sobre oppressões mas sobre estados d'alma,

a bôa tronte candida d'esse commentador amoravel da nossa vida rustica, tão nublada de compassivas misericordias pelas simples coizas da aldeia e da boiada, essa deve-nos estar perto da mão porque lhe enxuguemos o suor agónico do olvido, perto da bocca porque lhe beijemos a bocca pura d'evangelista extatico no bello, perto dos olhos porque todos os dias, na flanagem da tarde, ao fim da lida, possamos ir vê-la e dizer-lhe «adeus, querido mestre!» Como Silva Porto nunca foi popular e deve sel-o, pois os pinca-ros da intelligencia humana em todo o mundo estão actualmente na arte e na sciencia — a politica deixando de ser um pinaculo para se tornar n'uma caverna — não só a *qualidade* do monumento será factor de propaganda, como tambem o local onde o erigirem. Por exemplo no largo da Bibliotheca, acho absurdo: primeiro porque esse largo seja na vida de Lisboa, um arrabalde: segundo porque elle de modo nenhum defronte com a frontaria ou portada da Escola onde Silva Porto professou. A Escola das Bellas Artes não tem por emquanto frontaria, nem tão pouco entrada, por emquanto. Não existe



como edificio. E' um cazarão provisorio que á Academia emprestou a Bibliotheca. Em poucos annos ver-se-ha forçada a desabelhar d'esse cacifro, e n'esse dia em que desprezivo abandono ficaria collocado o pobre Silva Porto ? . .

Já n'outro sitio, fallando do gosto desastrado com que a merceeirice official ia lançando as bases monumentaes da Lisbôa nova, tive occasião d'alludir ao ridiculo estylo das estatuas e á barafunda grotesca com que as « commissões organisadoras de monumentos » installavam estes no primeiro saguão disponivel, sem o menor respeito pela magestade immortal dos seus heroes. N'este momento Lisbôa tem apenas dois sitios que transformar em galeria de mortos celebres; tem o Aterro para estatuas de navegadores e grandes capitães, e tem a Avenida para as estatuas dos modernos. « Quando se fallou em levantar a Luiz de Camões o bronze que todos conhecemos, escrevi eu ha cinco annos, não sei onde, e se escolheu para este auto-de-fé a angulosa e archi-torta praça do Loreto, uma obscura vóz que nenhum dos proeminentes quiz ouvir

lembrou que o monumento do poeta deveria inaugurar entre nós um luminoso cyclo de justiça, atravez do qual iriamos pagando, pela consagração publica do marmore e do bronze, a grande divida da gratidão portugueza a todos os titans e semi-deuses immortalisados nas estancias das *Luziadas*. O local mais adquado á exhibição d'essa galeria vastissima de heroes e grandes genios — a começar por Camões e a acabar no infante D. Henrique — era o Aterro, e cumpria crear um typo de pedestal e de tamanho d'estatua que bem dissessem na facha de terra conquistada ao rio, entre as arvores das alamedas e taboleiros de relva sempre verde, em termos do estrangeiro entrando o Tejo ser recebido na margem por aquella guarda de honra de navegadores e de poetas, mathematicos, chronistas, guerreiros, descobridores e grandes capitães que fazem o mundo heroico do poema, e são o orgulho da nossa historia, e por ventura já hoje a razão de ser da nossa autonomia. Não supponha algum parvo que isto fosse decretar de chapelada monumentos para todos quantos desde o seculo XIV até ao XVII

estão á espera d'elle. O municipio faria, d'accordo com as sociedades sabias uma especie de resenha chronologica de todos os vultos dignos de homenagem, marcando local para a estatua de cada, sobre a *pelouse* d'alameda ou jardim tomada ao rio, isto no percurso kilometrico que vae da quazi embocadura do Tejo, nas alturas d'Algés ou pouco mais, até ao topo opposto da cidade, ahi por Santa Apolonia, onde terminam com as obras do porto os grandes aterros destinados á avenida marginal. Pouco a pouco então o culto mais ou menos fervido das commissões patrioticas iria erguendo, segundo as preferencias e os teres, o monumento ao seu descobridor ou aventureiro favorito, em sitio d'antemão marcado na grande fileira, e assim ao cabo d'annos, completa a galeria, o espectaculo seria quanto pode ser de feerico e magnifico—qual na frente do historico rio que viu tantas grandezas, erecta em bronze a pleiade das figuras colossaes que asprehenderam, contando no oiro das inscrições o passado d'um povo sem competidor na historia maritima do universo!

Da mesma fôrma opino que a Avenida seja, sob o ponto de vista de monumentos, exclusivamente uma galeria de modernos. Fallo d'artistas, sabios, literatos, phylantropos, e expulsaria os tres ou quatro politicastros com que alguns querem já pollucionar aquelle sitio. Lisbôa começa a ter por demais estatuas politicas, e infamante seria que ella tolerasse a par de devassarrões antigos, como o sr. D. José I e o sr. D. Pedro IV, pantomimeiros somenos, mais modernos, como o sr. Saldanha e o sr. Fontes, lembrando ás eras as deploraveis fontes de corruptella que a sua vára fez manar d'onde tocou. Herculano, Garret, o grande Camillo, Anthero do Quental, Soares dos Reis, Cezario Verde, Annunciação, Silva Porto sertanejo e Silva Porto paysagista, o chimico Aguiar, Antonio Pedro, Manuela Rey, Roza pae, etc, toda a constellação esplendida de nomes que fixaram na moderna civilisação portugueza um ponto d'avançaço, escalando á gloria n'um seculo onde o principio de conducta é escalar ao syndicato, todos esses teriam nos relvões floridos da Avenida, aos dois lados, por entre palmeiras e plan-

tas decorativas, galeria larguissima onde enfileirar seus vultos luminosos: o typo d'estas consagrações tomando fórmulas originaes, caracteres impecaveis d'obra prima, bustos vehementes em pequenos sóculos decorados, estatuas em pedestaes mui baixos, reproduzindo esses homens n'alguma das attitudes familiares ou movimentos decisivos da existencia. Monumentos pequenos, creados segundo um typo de serie que tornasse harmoniosissimas as perspectivas do conjuncto. Porque o monumento grande vê-se mais pelos caracteres d'ostentação, que pela ideia; dispendioso e de realisação difficil, é um obstaculo á multiplicação d'estas homenagens, isto a par de perder pelas proporções amplificadas o seu character humano e fallante, e se tornar emfim n'um trambolho atravancando a cidade para embasbacação do forasteiro.

---

O commissario de policia expediu ha dias para a fronteira um tal De Bassini, que no



dizer das entrelinhas d'uma noticia *sensacional* das *Novidades* se propunha escrever em Lisbôa as memorias de Jacques Casanova, sob pretexto de lições de canto ás senhoras da alta sociedade.

Esse De Bassini era ainda aqui ha cinco annos um tenor de meia sorte, e aconteceu-lhe calhar no D. José da *Carmen* com um successo de brilho que por Lisbôa lhe valeu notoriedade. Tendo perdido a vóz, vivia actualmente de tres notas que lhe ficaram para papeis de recados, apenas lhe rendendo o preciso para se não dizer vivesse d'outra coisa. Nos seus bilhetes de visita de Paris, os que corriam mundo pelos *entresols* onde Pransini macheava antes d'elle as metrites chronicas das *tites chattes* aborrecidas do amor de *chaise-longue*, uma singularidade tornava-lhe o nome particularmente interessante

“*A. De Bassini*

24 centimetros”

sendo pasmo de todos que esse tenor

aphono jactanciasse d'ainda possuir um orgão tão extenso. Nominaes ou reaes emfim, estas qualidades metricas que haviam constituido a sua gloria no *bel canto*, de Bassini as quiz tornar em fonte de receita, e eil-o buscando a protecção d'uma sua patricia por de mais celebre nas estroinices do sport phillantropico, e que sem mais exame, dizem, o annexou com dois mil francos d'entrada e licença para escrever nas malas a designação de cantor do sequito privado. Chegado a Lisbôa ao mesmo tempo que a noticia de quatrocentos contos de saques sobre o thezouro portuguez, De Bassini não logrou escandalisar tanto as susceptibilidades patrioticas do partido monarchico, como a conferencia de Badajoz, convindo aquelle em que para os creditos da nação era muito mais deleterio ir engajar lá fóra a união iberica do que os tenores com vinte e quatro centimetros de registro.

Mercê d'este criterio recusou o sr. Franco Castello Branco a proposta que lhe fizeram os republicanos d'uma segunda recita d'aquella sessão parlamentar em que Valbom e Alpoim foram sublimes, e que d'esta

vêz viria a molde como revindicação patriótica onde Portugal mostrasse ao mundo os numerosísimos recursos de vinte e quatro centímetros que possui, de ponta a ponta, sem necessidade alguma de se deixar... invadir pelo estrangeiro. N'esta segunda audição é que verdadeiramente teriam cabimento o viva do sr. Alpoim á independência nacional, e a grande scena lyrica do orador Valbonsinho, rebolando os olhos, agarrado ao amor da patria, sentimento pelo qual o hysterico vencido dizem sentir uma ternura ancestral e posterior.

O caso do tenor não foi porem cifrado pelos senhores monarchicos na lista dos delictos merecedores do stygma de *traição á patria*, e permaneceria incolume se á ultima hora, já pagos os dois mil francos d'arrhas, e divulgadas as primeiras basofias do escripturado, o conselho de ministros não reconhecesse incompatibilidade em sangrar do cofre das innundações a annuidade de 800\$000 réis que promettida lhe fóra por escriptura.

De mais esta intromettida subita d'um estrangeiro musico na vida da côrte, ad-

vindo em epochas de pauta proteccionista, começou d'offender tambem gravemente os instrumentistas nacionaes, e choveram representações ao governo pedindo concurso, internacional sequer, com provas praticas, d'onde apurar co'a maxima justiça as aptidões de cada candidato.

Semelhante concurso traria entanto coalisões angustiosissimas ao muito nobre jury que o julgasse, á uma por pôr a côrte de Lisboa em cheque com a Italia, *potencia amiga*, á outra por não haver propriamente diapasão afinado por lei para tal especie d'instrumentos, sabido como o systhema metrico não preceitua entre nós da unidade a seguir n'este genero secreto de medidas d'extensão. Consultadas as instancias superiores da industria e arte sobre o que houvesse no paiz em antigo e moderno, nobre ou plebeu, capaz de levar de vencida os vinte e quatro centimetros de registro do tenor, responderam pela commissão de monumentos o sr. Luciano Cordeiro, depois d'andar pelos sarcofagos manuelinos, com uma guita, a tirar numeros, e o dr. Joaquim Tello, director da industria, ao cabo d'inquerito

identico na exposição dos Jeronymos, que em vista do atrazo manufactureiro nada havia ainda portuguez a competir com o elemento italiano, posto modernamente se tivesse já crescido muito, sendo d'esperar que em pouco tempo, puxando pela fibra do povo, se conseguisse fazel-o egualar, senão exceder, o singular phenomeno contractado em Paris para na côrte dar lições de musica. N'um manuscripto da Bibliotheca da Ajuda é que, depois de grandes procuradas, parece que o notavel investigador Ramos Coelho chegára a apurar certa referencia ao pagem Alcoforado, padreador da *Senhora Duqueza*, d'onde inferir suspeitas quanto á desconforme extensão da sua voz; mas a descoberta foi controvertida por Luciano n'uma memoria, e a discussão augmentou afinal a obscuridade, parecendo que se alguma grande coiza houve, sumiu-se tudo nas entranhas da casa de Bragança.

Estas e outras graves cogitações levaram o conselho de ministros a recuar perante o fiasco do concurso, e estava redigido o decreto outorgando o exclusivo da musica palaciana ao De Bassini, quando de repente



o ministro da fazenda lembrou que a Associação Commercial podia erguer a voz segunda vez. Foi por todas as sete pastas um terror panico, e a extirpação dos vinte e quatro centímetros, do solo portuguez, foi ordenada como razão d'Estado, em 8 horas, sendo chamado á pressa o operador Moraes Sarmiento . . .

Ora enquanto estes successos tumultuavam entre os silencios patrioticos dos srs. Alpoim e Carlos Valbom, flagelladores emeritos das monstruosidades jacobinas, que fazia De Bassini, a imbellé victima da sua propria deformidade? De Bassini, o *musico anormalissimo*, auto-suggestionado de portuguez por pertencer congenitamente á *Casa dos Vinte e Quatro*, De Bassini exhaustos em em comezanas de hotel os dois mil francos, procurava trabalho, diz n'uma carta, tal como uma ingenua menina de romance. « . . . apenas vi que alguns jornaes criticavam a protecção que pretenderam dar-me as excelsas pessoas de quem na suppliquei, resolvi-me a procurar lições de canto, nos quinze dias que estive em Lisboa, e dada a sympathia de que como artista gozo

(...*L'amour est un enfant de vingt quatre centimètres...*)

já tinha encontrado bastantes, principalmente entre as senhoras de Lisboa.»

A caridosa protectora dignara-se dizer-lhe quando elle lhe fôra pedir trabalho em Roma «vá para Lisbôa e veremos.» Em Lisbôa, senhoras a quem fizera a honra d'offerecer serviços musicos, quazi todas lhe disseram tambem «vamos a vêr», revirando o cartão de visita entre suspiros; e algumas depois de visto, pediam espaço d'uns dias, a modos d'abstractas, e mandavam-no lá tornar «para vêr outra vêz.» Ao cabo de quinze dias já tinha encontrado bastantes, acrescenta elle ingenuamente. «Foi-me então perguntado que logar tinha eu na côrte. Maravilhado que se soubesse uma coisa que julgava ignorada por todos, respondi que não sabia, mas esperava obtel-o a breve trecho.» Recapitula «creio que esperar um posto não é uma *chantage* nem um delicto!» De certo não, mesmo porque até os postos sejam entre nós coisa sancionada por decretos e planos do governo. Exemplo, o da Fonte Boa, e os postos de desinfeção, ca-

da vêz mais necesarios para expurgar o paiz das podridões doiradas que o infestam. Pelos trechos da missiva transcripta, que podem lêr-se de resto em quazi todos os jornaes monarchicos da cidade, nem se precisa quando as lições começassem, nem tão pouco o preço por duzia, nem a duração, nem a hora, nem sequer a maneira de as dar, do professor. Por consequencia haverá que se dirigir consulta á epistolographia parallela, muito em segredo catando-a dos promenores musicaes que ella tiver. Ahi está por exemplo um pequenino bilhete da viscondessinha de X., uma das primeiras discipulas do portento, á sua amiga baroneza de H., veraneando em Cintra e que pelo telephone lhe pedia informações. «De Bassini, querida, leva quinhentos francos por lição, o que é a ruina, dados os outros quinhentos com que meu marido paga a lição d'elle. Exige alem d'isso (como é bastante orgulhoso) que as senhoras lhe estejam sempre de joelhos, e a tal ponto esta exigencia pareceu excessiva que o visconde agora só lhe aceita as explicações — voltando as costas.» A generala de P., fina culévra, passionenta

por musica á coalisção d'ella mesma soprar concertantes nas protuberancias do marido, a generala de P., depois d'uns prologomenos : — « De Bassini, historias ! não se fica sabendo nada. . . á uma é caro, e á outra não repete. »

O desavergonhado entanto, regorgitante de cedulas por essas primeiras lições pagas á bocca do . . . cofre, desenvolvera em pleno hotel uma magnificencia prodiga e sultana.

Quotidianamente almoços e jantares em sala decorada com as pratas melhores, fructas de luxo e vinhos escolhidos, carruagens e passeios aos sitios pictorescos, convites a um, convites a outro, com meias reticencias sobre o mysterio d'aquella insolita voga e d'aquella fortuna incomprehensivel. Como todos os rufiões em posse de segredos, De Bassini exagerava-lhes sempre que podia a importancia, estendendo a muitos lares peccados authenticos apenas nos desregrados costumes de quatro ou cinco. Em quinze dias não houve grande dama que elle não ensinuasse aos amigos como discipula sua na grande musica *fin de siècle*,

a quinhentos francos por lição, e a tal ponto o ciúme d'esses triumphos entrou d'aziumar os professores portuguezes sem trabalho, que para os combater organisou-se a liga dos alferes para pernoitar, sociedade orpheonica para nacionaes maiores de vinte centímetros, com certamens ao ar livre, e uma walsa a premio para o socio de mais infatigavel . . . vocação.

Desde essa hora a guerra estuou sem treguas, entre o orgulho lusitano espicaçado, e esse vil estrangeiro que imaginára desmontal-o com os seus desusados recursos musicaes. Se em questões de registro De Bassini podia bellamente levar de vencida a liga dos alferes, o certo foi não conseguir degladiar com elles quanto ao preço, pois muitos até já de graça davam lições de contraponto, antepondo-se ao adversario por todas as girias do reclame mais protervo, desde sahirem á rua com pães de bico na algibeira das calças, até pintarem-se á grega na transparencia das cartas de jogar. Todavia este movimento de revindicação patriótica não seria fecundo, como diria o Alpoim, se a politica não tenta absorvel-o,



acaudilhando ao conselho de ministros todo o orpheon d'alferes p'ra pernoitar. Foi então que o aventureiro tenor se viu perdido, e começou d'emmurcheçar melancholicamente a sua (para que assim o digamos) inspiração. Todas as protecções se lhe negaram de repente, escamugiram-se-lhe as discipulas á formiga, faltou-lhe o dinheiro, faltou-lhe o credito, emagreceu, cahiu, e tão reduzido estava, que na suprema hora de ser expulso, esse prostituto musico adstricto aos mysterios nymphomaniacos da côrte, *bel cavalier* renegado por suas damas, ao chegar á apalpadeira do governo civil, apenas dos vinte e quatro centímetros lhe restariam uns miseros quatorze.

Em quinze dias, dez pontos de descida. . .  
Oh estes cambios ! Pobre De bácio !

---

A 27 de Julho passado foram abertas nas galerias a poente dos Jeronymos, uma exposição de productos fabris, e uma outra das escolas industriaes, circunscricção

sul, esta ultima contendo provas do fim d'anno, e algumas amostras, já anteriormente vistas, do estado de certos ramos do ensino officinal. A exposição industrial mirava, nos dizeres do catalogo, apreciar a influencia da pauta proteccionista sobre o desenvolvimento ulterior de certas industrias portuguezas, provendo os redactores d'aquella d'informações por onde se podesse experimentalmente beneficiar ou desamparar as industrias que valesse ou não valesse a pena proteger; e mais mirava mostrar as excellencias de fabrico e qualidade de grande numero de productos parallelos aos similares até agora vindos do estrangeiro, vulgarizando por ultimo no sentido optimista o adeantamento do fabrico portuguez comparativamente ao revelado nas exposições anteriores. O catalogo não canta no preambulo, do papel da exposição das escolas industriaes, a par da industria, mas quem duvida fosse para se apreciar da influencia exercida pela educação artistica e officinal do operariado novo sobre diversas industrias que na galeria dos Jeronymos se apresentam com relativo brilho e luzimento? Por

consequencia a primeira interrogação suggerida no espirito do visitante, é se ao cabo de nove annos d'ensino industrial começou já de radiar alguma melhoria d'elle sobre a industria portugueza; e seja a segunda o discutir se a seis mezes d'applicação da nova pauta já é licito tirar conclusões quanto ao desenvolvimento industrial que ella foi chamada a fomentar. O primeiro problema uma vez posto, escusado remirar com sagacidade a exposição das escolas industriaes, para logo dizer que d'aquelles nove annos d'ensino não ha na industria nacional tres mezes de diffusão sequer, methodisada, sendo verdadeira lastima tanto dinheiro gasto para d'elle se tirar tão pouca utilidade.

As causas d'esta paralyisia são diversas, cabendo responsabilidade d'ellas a toda a gente.

Por um lado os alumnos, filhos de gente pobre, desfructadora e imprevidente, mal frequentam com regularidade os cursos escolares, porque os paes apenas as creanças podem trabalhar, enviam-nas para as obras, trocando assim pelo magro salario que ellas

lhes possam ganhar, toda a possibilidade d'uma educação artistica completa, e proventos futuros necessariamente mais pingues que d'ella rezultariam a quando o operario formado pelo curso officinal da escola e conhecimentos technicos que paralellamente lhe fornece o curso scientifico.

Percorrendo os cadernos de matricula das differentes escolas industriaes de Lisboa e seus arrabaldes, facilmente se reconhece 1.º, que os alumnos enviados á escola sem frequencia parallela n'alguma officina ou fabrica, são rarissimos; 2.º, que a maior parte segue os cursos industriaes depois d'um dia de trabalho fatigante para ganhar o pão quotidiano, o que sobre ser um argumento a favor do dia normal de oito horas, explica por seu lado a especie d'automatismo e de thedio com que muitos vão ao estudo, e a facilidade com que ao menor pretexto o interrompem; 3.º, que as matriculas da escola industrial, abertas no começo do anno com espantosa frequencia, vão pouco a pouco rareando, á proporção que o trabalho na fabrica durante o dia accumula canção de noite para noite, este alliando-se

á indolencia meridional de corpos mal alimentados e propensos, naturalmente, pelas enervancias do clima, ao *rien faire* e ás seducções e devassidões da capital.

D'aqui rezulta um terrivel *deficit* d'attenção, d'estudo, e de frescura de faculdades assimilativas que dá de si retrocessos em vez de progressos, e invalida por centenas o futuro d'operarios que em pouco tempo seriam mestres magnificos, se não fôra o mau sestro da *surménage*, e a viciosa situação que alem citei. Quem uma vez fallou com os filhos do povo de Lisboa não póde furtar-se a um sentimento d'admiração perante as perceptivas extraordinarias da sua intelligencia, tão subtilmente maleaveis, tão espontaneas, tão bellas, e d'uma docilidade que é terreno propicio para n'ellas se talharem corporações d'industria sem rival. A par porem d'estes luminosissimos predicados, um defeito de raça inutilisa irremessivelmente esta phalange, a falta de tenacidade, a variabilidade de humor, a impaciencia d'esperar, o que faz com que todos esgotem a energia nevrotica nos primeiros esforços, e ao cabo d'elles se abor-



reçam, inutilizando assim todo o trabalho anterior. Juntar agora a este regimem falhado dos discipulos, as deficiencias estruturales da escola que o regimem das economias successivamente vae amputando pela mão de ministros incapazes, pela dictadura d'inspectores cretinos, e indolencia e inaptidão technica d'um professorado analphabeto, áparte um ou outro estrangeiro ou nacional mais consciencioso. As reformas que as escolas industriaes teem soffrido nos ultimos annos, mirando ás cegas um exclusivo programma de mesquinhasias economicas, não fizeram senão estaçalhar o plano fundamental dos fundadores, plano logico e intelligentemente scientifico, que requeria ir-se desenvolvendo n'um sentido pratico e officinal a pouco e pouco, e que as successivas mutilações charivarisaram até ao disparatado cahos em que ora está.

Effectivamente seguindo as exposições parciaes das differentes escolas repara-se em que a par da imperfeição de muitos trabalhos, e da excessiva brunidura d'outros que o professor corrigiu secretamente, tam pouco estes façam serie por onde adivinhar

as linhas directrizes de cada curso, e recompõr n'um todo uniforme os estudos das differentes cadeiras e officinas de que a exposição nos mostra aqui e alem apenas uma ou outra prova fragmentaria. Ha uma trapalhada de desenhos, bordados, pinturas, pespontos e planos de perspectiva, que deixam o visitante perplexo sobre a crystallographia dos programmas d'ensino, e ao mesmo tempo acordam n'elle um sentimento de desconfiança quanto á boa fé d'aquellas exposições. Em muitos ramos da exposição das escolas industriaes (por exemplo, no de desenho industrial, o ramo ornamental) não ha intermedios, e as aguarellas expostas ou teem a ingenuidade bronca que revela o estudante timido e sem regras, ou são bocados magnificos onde o nome do alumno parece apenas o pseudonymo do pincel do professor. A surpresa é por consequencia enorme e dolorosa quando uma observação demorada, por mais que faça, não consegue descobrir atravez d'aquelle montão de provas, nos seus successivos planos de desenvolvimento, o crescendo de progressos feito por duas ou tres gerações d'alumnos que venham

seguindo, umas atraz d'outras, uma dada especialidade industrial, parecendo que essa marcha gradual não exista nas escolas, e tudo se reduza a uma apparente engrolação do publico pacovio. Esta surpresa inda mais se incende e desespera notando que ha alumnos d'escolas industriaes a expor ha trez annos as mesmas provas, e que o gosto de certos modelos, sem duvida objectos d'escolha dos professores, permanece barbo e chato eternamente, escolhido a esmo e sem a indispensavel convergencia a uma tentativa d'estylo visando a originalisar, a dar character de região, aos futuros productos artisticos das industrias nacionaes. Esta originalisação, nacionalisação ou como lhe queiram chamar, seria o papel de prova d'um inspector *trés comme il faut*, a sua interferencia d'espírito superior na marcha do ensino, e subentende-se por consequencia que semelhante cargo só possa ser exercido por individuos d'educação artistica requintada, superiormente cultos, escravizados por indole á paixão d'arte, e absolutamente fóra portanto dos moldes amanuensaes com que o sr. Luciano Cordeiro, ou lá quem é, espar-

tilha a vacuidade do seu caco e a merceeirice ridicula do seu gosto.

As razões pelas quaes nove annos d'ensino industrial não lograram ainda a mais pequena ingerencia esthetica na industria, devem-se pois tirar do que atraz deixei esbridado a curtos golpes—venho a dizer que não ha cordão umbilical ligando a escola á officina, nem poderá haver tão cedo, porque o operario massado, fica a meio caminho dos cursos, porque as reformas absolutamente idiotas dos ultimos ministros ankylosaram a acção civilisadora da escola sobre a industria, porque o professorado, muito, é incompetente, e mesmo desleixado, e emfim porque a inspectoría . . . só á gargalhada. Ignore se os directores das escolas industriaes, os dedicados, algo teem feito para contrabalançar, na esfera de sua influencia, estes entraves deploraveis. Na escola Marquez de Pombal sei eu que o sr. Marques Leitão tenha estabelecido aos aprendizes de certas officinas, uma pequena diaria, para os fixar á frequencia escolar, vencendo assim a cupidez ou miseria das familias que logo cedo querem fazer dinheiro com o trabalho

das creanças. O mesmo ultima a construção dos hangares annexos ao edificio da escola, para onde serão trespassadas certas officinas que asphixiavam em cacifros sem capacidade para abrigar sequer os pouquissimos alumnos que lá iam. N'esta escola professam professores da melhor capacidade, como o sr. Cezar Ianz, homem laborioso e assiduo aos seus deveres, e o sr. Formilli, artista de raça, cuja influencia seria decisiva se a assiduidade lhe fôsse na proporção dos credits de que goza, e se quizesse fechar ouvidos ás machinações da mediocridade indigena que uma ou outra vêz descóca a pedir «a nacionalisação do ensino», isto é a expulsão do elemento estrangeiro que lhe faz sombra, e onde o ensino conta ainda assim alguns dos seus subsídios professoraes de certa robustez.

Tam pouco, por culpa das inspectorias, se tem procurado aquecer certos nucleos de talento benefico surgidos na plena banalidade do professorado «anonymo» do ensino industrial. Guiada por um criterio d'artista inteligente, lembrára-se a Sr.<sup>a</sup> D. Maria Bordallo, a quando professora das



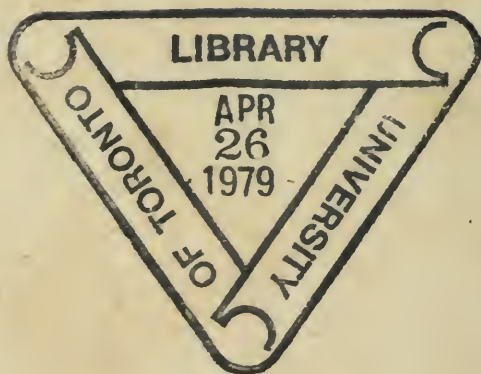
rendeiras de Peniche, d'expurgar da almofada das suas alumnas todos os desenhos caracteristicos, defeituosos, tortos e idiotas que a ignorancia, o desleixo e a desorientação secular d'aquella industria portugueza decadente, pouco a pouco tinham introduzido no fabrico, substituindo-os por *piqués* organisados sobre correctos desenhos da sua composição, esta subordinada ao aproveitamento de velhos motivos nacionaes decorativos, desde os peixes, as conchas, os varechs e as algas costeiras da região, até aos arabescados tão idealmente volitantes do Convento de Thomar, dos Jeronymos e da Batalha, e ás vermicellas, grinaldas e chicoreas do Luiz XIV freiratico e excessivo que é costume nominar d'estylo D. João V. Era uma tentativa de naturalisação da renda nova aos infinitamente simples da natureza patria das rendeiras, e ao tradicional tão sublimemente afixado nas architecturas gloriosas da grande epocha: as duas unicas memorias capazes de fazer vibrar a alma portugueza, assegurando caracteres de nação a essa industria que sem elles facilmente pareceria imitada das similares de Bru-

xellas, Hespanha ou França, conforme a finura da teia e o estylo do canevas impresso no *piqué*. Emquanto isto fazia, procurava a Sr.<sup>a</sup> D. Maria Bordallo afeiçãoar os bilros das suas discipulas á confecção das rendas finas, espumosas e leves como as de Bruxellas, com linhas de diametro imperceptivel, que por signal então se não fabricavam no paiz, conseguindo assim um nucleo de rendeiras cujo trabalho logo á primeira exposição captou a estima, pelo que deixava aperceber d'uma direcção mirando os fins mais elevados. Por uma fortuidade qualquer, nada para o caso, foi a illustre senhora forçada a deixar a escola, e aquelle nucleo d'esforço que bastaria desenvolver no seu sentido primevo para talvez dentro de pouco vermos no mercado europeu e americano as rendas de Peniche, rivaes das de Bruxellas na trama e apar d'isto inconfundivelmente portuguezas no modelo, aquelle nucleo desdenharam-no por estupidez congenita, a successora, e por ignorancia ou apathia o encortiçado inspector que então grassava nas escolas industriaes da circumscripção sul. O resultado é a actual exposição

de rendas de Peniche, feita sobre modelos da *Moda Illustrada* ou quer que o valha, e contrastando a todos os respeitos com a soberba prova que ainda ha pouco mezes deram as novas discipulas d' Sr.<sup>a</sup> D. Maria Bordallo na exposiçãõ do armazem Barreira, que todos viram.

50







PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

---

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

---

PQ  
9261  
F5G3  
fasc.52-  
56

Fialho de Almeida, Jose  
Valentim  
Os gatos

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C  
39 10 09 04 04 012 1